

# Ribeiro Couto e o homem cordial

ELVIA BEZERRA

**E**m 1946, quando fez o discurso de recepção a Peregrino Júnior na Academia Brasileira de Letras, Manuel Bandeira destacou, entre as virtudes do empossado, a cordialidade. Dizia ele: “Ribeiro Couto inventou de uma feita a teoria do ‘homem cordial’. Segundo o nosso amigo, a cordialidade seria a contribuição brasileira à obra da civilização.”

Nascido em Santos, SP, Couto ficou conhecido como fundador do Penumbriismo – que não chegou a ser uma escola, mas, como ele mesmo definiu, “uma certa atitude reticente, vaga, imprecisa, nevente, no jeito de escrever versos” por volta dos anos 1920 a 1923 – e por ser o autor de *Cabocla* (1931), romance duas vezes adaptado para novela de televisão. Por outro motivo, seu nome se ligou para sempre ao de Sérgio Buarque de Holanda: foi o historiador paulista quem deu “fundamento sociológico”, como disse Antonio Candido, à expressão “homem cordial”, criada pelo poeta santista.

Os alicerces da teoria do “homem cordial” já foram visitados pelo professor americano Fred Ellyson, que localizou, na Capilla

Elvia Bezerra é autora de *A Trinca do Curvelo*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995, *Meu Diário de Lya*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2002 e responsável pela organização, introdução e notas de ensaios de Ribeiro Couto reunidos em *Três Retratos de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2004. É colaboradora/redatora da *Enciclopédia Barsa Planeta Internacional*.

Alfonsina, biblioteca de Alfonso Reyes na Cidade do México, as cartas de Ribeiro Couto ao amigo mexicano. Em 1984, Ellyson publicou o artigo intitulado “Alfonso Reyes e Ribeiro Couto: uma correspondência cordial”, em *Miscelânea de Estudos Literários: homenagem a Afrânio Coutinho*. Posteriormente, ele o desenvolveria no capítulo “Monterrey chega ao Rio”, de *Alfonso Reyes e o Brasil*.<sup>1</sup>

A origem do “homem cordial” remonta aos primeiros anos da década de 1930, no Rio de Janeiro, quando entrou no cenário a figura de Alfonso Reyes, embaixador mexicano no Brasil, notável poeta e intelectual que se juntou ao grupo de escritores e boêmios freqüentadores do lendário Restaurante Reis, no centro da cidade. Casa humilde, “cujo grosso da freguesia era de motoristas e carroceiros” – conta Manuel Bandeira –, ali se podia, com algum espanto, encontrar o embaixador do México sendo homenageado com um jantar oferecido por jornalistas e poetas.

Pensando em estimular o intercâmbio entre artistas, Dom Alfonso, como muitos o chamavam, decidiu editar, na então capital da República, onde permaneceria de 1930 a 1936, a revista *Monterrey: Correo Literario de Alfonso Reyes*. A publicação entusiasmou Manuel Bandeira, que tratou de enviar os três primeiros números, dos catorze que seriam publicados, a seu querido amigo Ribeiro Couto, então funcionário do Consulado do Brasil em Marselha.

Couto, de temperamento vibrante, e especialmente animado sempre que se tratasse de ligações intelectuais ultramarinas, espontaneamente escreveu a Reyes cumprimentando-o pela iniciativa. É nessa carta, datada de 7 de março de 1931, que ele usa, pela primeira vez, a expressão “homem cordial”. Apreciando o assunto, e em reconhecimento à atenção do remetente, Reyes publicou trecho da referida carta com o título de “*El Hombre Cordial, producto americano*”, na seção “Epistolário” da *Monterrey*.<sup>2</sup>

Provavelmente nenhum dos dois imaginava o desdobramento que teria a divulgação do texto. Abre-se aqui um parêntese para um salto adiante, no tem-

---

<sup>1</sup> Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

<sup>2</sup> N.º 8, de março de 1932, p. 3.

po: vinte anos depois, em 25 de fevereiro de 1952, já embaixador em Belgrado, e sabedor do caminho que tomara o seu “homem cordial”, Ribeiro Couto escreveria a Alfonso Reyes pedindo-lhe cópia da carta de 1931. É esse documento, que hoje integra o Arquivo Ribeiro Couto, sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, que se transcreve a seguir:

“O verdadeiro americanismo repele a idéia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial. (Atitude oposta do europeu: a suspicácia e o egoísmo do lar fechado a quem passa). (Como é bom, nos pueblós e aldeias da nossa América, no seu México como no meu Brasil, mandar entrar o caixeiro-viajante francês que vende peças de linho, ou o engenheiro alemão que está estudando a geologia local, e convidá-lo para almoçar! A gente grita logo lá para dentro: – Ó fulana, manda matar uma galinha!)...

O fato, porém, é que se não somos latinos, nós, oriundos da aventura peninsular celtibérica em terras americanas (alimentada pela redes nupciais de índias bravias e pela sensualidade dócil de negras fáceis), se não somos lati-

nos, somos *qualquer coisa* de muito diferente pelo espírito e pelo senso da vida cotidiana. Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: – Mas que luar magnífico! Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana... Observável nos nadadas, nas pequeninas insignificâncias da vida de todos os dias, ela toma vulto aos olhos do crítico, pois são índices dessa Civilização Cordial que eu considero a contribuição da América Latina ao mundo.”

Marselha, 7-III-93 I

*Ribeiro Couto*

Estava aí o embrião da teoria do homem cordial que Sérgio Buarque de Holanda desenvolveria no capítulo V, intitulado “O homem cordial”, de seu hoje clássico *Raízes do Brasil* (1936), de que se transcreve o seguinte trecho:

“A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gaba-das por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. [...] Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no ‘homem cordial’: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula.”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 146-147.

## Oposição de idéias

Percebe-se que as idéias do poeta e do historiador divergem. Se há, na concepção dos dois, alguma coincidência no que diz respeito a um “fundo emotivo extremamente rico e transbordante” que caracteriza o homem cordial, o primeiro destaca nesse homem o “espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade”, enquanto o segundo analisa a natureza do “fundo emotivo” que dá origem ao tipo de cordialidade brasileira, afirmando que “a inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração, procedem da esfera do íntimo, do familiar, do privado”.

Dessa maneira, ao ibero-americano pleno de disponibilidade sentimental, ao homem sempre bom de Ribeiro Couto opõe-se o brasileiro de Sérgio, bom e mau a um só tempo, mas essencialmente avesso à polidez que não seja ditada pelo coração.

De qualquer modo, era o “homem cordial” buarquiano “de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” que Bandeira reconhecia em Peregrino Júnior, ao mesmo tempo em que o julgava modelo para Ribeiro Couto. Sob a ótica bandeiriana, pelo menos, haveria um ponto de convergência entre a idéia do poeta e o conceito do historiador.

Seria bem-vindo um estudo ligando a idéia dos dois, identificando possíveis ecos. Não é esse, no entanto, o objetivo deste artigo, em que se quer apenas rastrear a trajetória da idéia original, deixando de lado as análises, que são da competência dos estudiosos das ciências sociais.

Não só pelo “homem cordial” estiveram ligados os dois paulistas. Sérgio Buarque era tão fã do poeta santista que sabia, de cor, versos de *O Jardim das Confidências* (1921), primeiro livro de poemas de Couto. Dizia-os na madrugada, pelas ruas do Flamengo, quando acompanhava o português José Osório de Oliveira à pensão onde este se hospedava no Rio. Como crítico literário, Sérgio Buarque expressou seu entusiasmo pela obra de Ribeiro Couto em vários artigos, publicados sobretudo nas revistas *O Mundo Literário* e *Estética*. E em 1931 foi detido no Mangue, bairro do Rio de Janeiro, quando, em companhia

de Couto, Otávio Tarquínio de Sousa e outros, dava vivas à Revolução Constitucionalista de São Paulo – conta Maria Amélia Buarque de Holanda, viúva do historiador, na cronologia que escreveu sobre o marido.

## Repercussão

Escritores e estudiosos de áreas diversas já se detiveram na compreensão do conceito de “homem cordial”. Oswald de Andrade tratou do assunto em *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*, no capítulo intitulado “Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial”. Entre outros, estudaram o tema o historiador inglês Peter Burke, o cientista político Gabriel Cohn, o professor de literatura Alcir Pécora, Antonio Candido e, mais recentemente, o professor de literatura João Cezar de Castro Rocha, em *O Exílio do Homem Cordial*.

Um dos mais inflamados interlocutores de Sérgio Buarque de Holanda foi o escritor Cassiano Ricardo, que com ele travou polêmica nas páginas da revista paulistana *Colégio*. Embora tenha explicado que a cordialidade de que tratava não se referia a “boas maneiras”, Sérgio Buarque provocou a discordância do autor de *Marcha para Oeste* (1940). Por isso, na segunda edição de *Raízes do Brasil* (1948), inseriu nota explicativa sobre o assunto e, em vez de abrir o parágrafo, no corpo do texto, com “O escritor Ribeiro Couto teve uma expressão feliz...”, como se lê na primeira edição, escreveu: “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o homem cordial.”

Nesse ponto, abre uma longa nota de rodapé, em que mantém o registro da autoria da expressão, atribuindo-a a Ribeiro Couto, e esclarece o que já estava explícito nos termos da edição anterior, mas que Cassiano Ricardo entendera de forma diferente. Ressalta o historiador, na referida nota:

“[...] A expressão é do escritor Ribeiro Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserta em sua publicação *Monterrey*. [...] cabe dizer que,

pela expressão ‘cordialidade’, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em ‘bondade’ ou em ‘homem bom’. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente sentimentos positivos e de *concordia*. A inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, visto que uma e outra nascem do *coração*, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.”<sup>4</sup>

O texto integral da resposta de Cassiano a essa nota consta da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> edições de *Raízes do Brasil*. Retirada a partir da 5.<sup>a</sup>, nessa edição e nas seguintes manteve-se apenas a afiada e bem-humorada carta-resposta de Sérgio Buarque, publicada originalmente na *Colégio* de setembro de 1948 e suprimida de *Raízes* a partir da 26.<sup>a</sup> edição.

## Popularização

Seguindo o caminho dos conceitos que se popularizam, o “homem cordial” não seria diferente: causou polêmica entre intelectuais, ganhou interpretações diversas e expandiu-se no gosto popular. As distorções foram muitas, ainda uma vez de acordo com as teorias que transcendem o campo da ciência e migram para o cotidiano.

Em 2002, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento de Sérgio Buarque, o “homem cordial” esteve mais do que nunca em evidência. O historiador Ronaldo Vainfas, em artigo publicado na edição especial do caderno “Mais”, da *Folha de S. Paulo*, em 23 de junho de 2002, esclareceu os equívocos em torno do conceito e lamentou que a *cordialidade* a que se referiu Sérgio Buarque tenha sido “entendida como *concordia*, bondade, quase subserviência”. E acrescenta: “De todo modo, a *cordialidade* de Sérgio Buarque significava

---

<sup>4</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.<sup>a</sup> edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 204-205.

passionalidade, aversão a todo convencionalismo ou formalismo social e tanto podia ser positiva como agressiva.”

Na mesma safra de homenagens, a jornalista Norma Couri, em artigo do *Jornal do Brasil* de 1.º de junho de 2002, afirmou que o historiador “passou a vida explicando que o brasileiro não era nem manso nem intrinsecamente bom”. E que – teria dito Sérgio Buarque: – “O sujeito pode ser cordial amigo ou cordial inimigo, cordial de coração, cordial mauzinho ou mauzão.”

Ao adotar “cordial” no sentido pouco usado de “referente a ou próprio do coração”, como se lê na definição do Dicionário Houaiss, Sérgio Buarque criava, involuntariamente, sucessivos mal-entendidos. É freqüente, até hoje, o uso da expressão “homem cordial” no sentido de afável, caloroso, adjetivos contrários ao conceito elaborado pelo historiador. Passados tantos anos e apesar das inúmeras explicações, muitos insistem em ver o “homem cordial” naquele sentido que lhe deu Ribeiro Couto. É o próprio Fred Ellyson quem afirma em seu *Alfonso Reyes e o Brasil*:

“Aliás, a utilidade de Reyes ao seu país foi, sem dúvida, ampliada graças à identificação com o estereótipo nacional do ‘homem cordial’ – não importa que o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda tenha divulgado o termo com um sentido diferente do convencional. Ainda vive no Brasil quem acredite que Reyes personificava a cordialidade.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> ELLYSON, Fred. *Alfonso Reyes e o Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 261.





# *Insight: Machado de Assis*

FERNANDO FORTES

~ I

O fato de Machado de Assis ser considerado nosso maior escritor sempre me intrigou: mulato de origem humilde, gago, epilético, com problemas de visão, nunca um talento encontrou, em nossa terra, maiores desafios para realizar-se; mas é sobretudo dessas condições adversas que provém sua estatura de gigante. É sabido que não foi um gênio criador, no sentido imaginativo do termo; no entanto, logrou, como ninguém – negando-se como criatura humana – introjetar e amalgamar a influência daqueles escritores europeus que desejaria ter sido. Despersonalizando-se, fez-se um composto híbrido de personalidades como Sterne, Swift, Merimée, Xavier de Maistre, Diderot, Poe e outros.

Sua grande invenção foi inventar-se escritor – personagem de todos esses, materializando-se num estilo que é, ao mesmo tempo, o somatório dos reagentes inspiradores, e, acima de tudo, um novo

Poeta, ensaísta e ficcionista, autor de *Tempos e Coisas* (1958), *Epílogo de Epaminondas* (1960), *A Véspera do Medo* (1972), *Augusto dos Anjos, Eu Tu Ele Nós Vós Eles* (1978), *Arma Branca* (1980), *Raiz da Dor* (1980), *Canto Pluro e outros Poemas* (1982), entre outras obras.

produto, com características absolutamente próprias. Pede emprestado os elementos e fabrica a substância. No catalisador desta reação química é que está sua força genial; com o bom gosto de sintetizar palavras, armá-las elegantemente em frases, transpor os caracteres estrangeiros para o seu meio, encadear os episódios, ordenar o texto, selecionar o assunto e os tipos, manter a narrativa dentro de um sistema lógico autônomo, Machado provou possuir uma enzima mimética altamente refinada. Em linguagem moderna, diríamos que sua mente era dotada de um mecanismo semelhante ao de um computador analógico de geração mais avançada que os de sua terra.

Aí está a fórmula inconsciente que ele encontrou para iludir e sublimar todos aqueles estigmas indesejáveis. É claro que o fenômeno é ainda mais complexo, e, para explicá-lo plenamente, gostaríamos de lembrar que a inteligência de Machado contava também, para alimentar sua qualidade criadora, com um forte caráter anal-sádico e poderoso superego; daí a limpeza, a ordem, a síntese e elegância do seu estilo ático (terminou seus dias aprendendo grego). De resto, sabemos que retratou, e não por acaso, a sociedade e o meio ambiente em que gravitavam os principais personagens de seus modelos estrangeiros, encontrando, assim, a equivalência de um mundo encantado tão próprio à negação de suas raízes.

O sincretismo racial favoreceu o sincretismo estilístico. O artifício psicológico se assemelha ao de Fernando Pessoa, mas a solução foi inversa e menos visível; enquanto Pessoa despersonalizava-se, desintegrando-se em diversos heterônimos, Machado despersonalizava-se, atomizando-se em um só homônimo. Dois gênios, dois mecanismos: Pessoa resolveu-se através de uma identificação projetiva e Machado, de uma identificação introjetiva

## ~ II

É revelador e pueril ver o jovem Machado verberar, invejosamente, o bem-sucedido Eça de Queirós, em sua “Crítica”, denunciando a influência de uma obra de Zola no *Crime do Padre Amaro*, e da *Eugênia Grandet*, de Balzac, sobre



Jogo de xadrez e cadeiras. Parte integrante do Acervo Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

*O Primo Basílio*, ambos estréias de sucesso nas letras portuguesas. Se seguirmos os paralelos de aproximação que ele tece, em seu artigo, sobre as duas obras, temos a impressão de um mágico ou inventor que se despeitou de outro, por ter aquele revelado à humanidade, com antecedência, o truque que ele tinha em mente; pois basta ver em seus contos e romances posteriores o sestro de interromper a narrativa para conversar com o leitor, bem como os capítulos curtos com títulos longos e extravagantes, para nos sentirmos diante da *Sentimental Journey* de Sterne, isso sem falar no ainda não apontado paralelo entre “O Alienista” e um conto de Poe, muito anterior: “O processo do Dr. Alcatrão e do Professor Pena” (título da tradução), em que dois especialistas visitam um manicômio e dialogam, durante o jantar, com um grupo de médicos dirigentes do mesmo; só que o diálogo, por parte dos últimos, desenrola-se em rematado *nonsense* (como as falas de Simão Bacamarte). Ao fim, descobre-se que os loucos empreenderam um motim e trancafiaram os verdadeiros doutores, assumindo de empréstimo o seu papel.

Na mesma “Crítica”, num panorama sobre a literatura brasileira, intitulada “Instinto de Nacionalidade”, escrito especialmente para uma Folha de Nova York, Machado afirma que o verdadeiro escritor nacional não se realiza colo-

cando nos romances os elementos nitidamente locais; em troca, um autor brasileiro pode consagrar-se usando métodos de análise e estilo alienígenas, desde que mantenha como *décor* um discreto tom regional e logre transpor, adequadamente, os equivalentes estrangeiros ao nosso meio; mesmo porque, segundo ele, a sociedade brasileira da época macaqueava a mentalidade e os hábitos europeus.

Eis aí os ingredientes que Machado, mais tarde, veio a usar com pleno êxito, para transformar-se em nosso maior homem de letras.

### ~ III

Já pensaram em Machado lépido, moleque, assoviando e cabriolando, cheio de riso feito Mozart? Pois foi como o senti, agora, relendo suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; um Machado carioca, *light*, distribuindo ‘piparotes’; em uma palavra, um Machado rococó. O ornamento virtuosístico, inebriado de si mesmo, excessivo, é o grande personagem, o pretexto para desenvolver o livro; o estilo negaceado, ameaçando o leitor com fintas e falsas pistas, para enveredar por atalhos inesperados, é a diversão de pique a que se entrega Brás Cubas – Machado de Assis – leitor.

Até no truque de narrar depois de morto, é como se entendesse que o tempo é circular: velho – morte – nascimento – criança, isto é, o homem atemporal. Daí o livro, de 1881, ser tão moderno e revolucionário, mormente em relação aos anteriores. Machado largou de vez os amores de moços e moçoilas à Alencar e tomou de empréstimo o *Primo Basílio* de Eça, que é de 1878, estilizando o adultério deste, embora sem as minúcias do escritor português. Se o tema vem de Eça, o estilo vem de Sterne, mas tudo apropriado e transfigurado por Machado, ‘formando um terceiro tom, a que chamamos aurora’.

Fico daqui, do século XXI, imaginando Machado a ditar para Carolina essa historinha porca; os dois cúmplices, caseiros, sem televisão, inventando as peripécias de uma novela das oito. Mas, para brincar disso, é preciso “não ter filhos, não deixar no mundo o legado de nossa miséria”. Também para quê, se passaram a vida, ele e Carolina, brincando de filho um do outro?

# À procura de Tructesindo

POR QUE TANTA GENTE HOJE EM DIA  
PESQUISA AS PRÓPRIAS RAÍZES?

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

*“Sem temor, erguido sobre o travesseiro, Gonçalo não duvidava da realidade maravilhosa! Sim! Eram os seus avós Ramires, os seus formidáveis avós históricos, que, das suas tumbas dispersas corriam, se juntavam na velha casa de Santa Irinéia nove vezes secular — e formavam em torno do seu leito, do leito em que ele nascera, como a assembléia majestosa da sua raça ressurgida... Gonçalo sentiu que a sua ascendência toda o amava, e da escuridão das tumbas dispersas acudira para o velar e socorrer na sua fraqueza.”*

Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*.

Armando Alexandre dos Santos é historiador, escritor e jornalista profissional, autor de *A Legitimidade Monárquica no Brasil*, *Parlamentarismo sim, mas à brasileira*, *Apontamentos para a História do Instituto Genealógico Brasileiro*, etc. É Diretor de Publicações do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

O tema do presente artigo é um curioso fenômeno que nas últimas décadas se vem manifestando, com crescente intensidade e cada vez mais generalizado, no Brasil, como também na

Europa, nos Estados Unidos, em toda a América: o fenômeno da “Neo-*Genealogia*”.

Procuraremos inicialmente delimitar esse fenômeno, e para delimitá-lo tentaremos descrever suas numerosas manifestações. Na segunda parte, tentaremos explicá-lo: quais as razões psicológicas, sociológicas, psico-sociológicas, culturais, filosóficas, até mesmo de cunho religioso, que o motivam e produzem.

Cabe esclarecer, desde já, que procuramos redigir este trabalho evitando propositadamente dar a ele a amplitude, a extensão e o estilo de um tratado ou de uma tese acadêmica. Não visamos produzir uma exposição exaustiva, completa e acabada dos temas tratados, e menos ainda procuramos impingir à mente do leitor nossas próprias convicções pessoais; simplesmente quisemos sugerir ao seu espírito problemas e indagações que ele saberá, melhor do que ninguém, conferir com a realidade que tem diante de seus olhos e elaborar pouco a pouco, de acordo com suas próprias idéias, impressões e feitiço psicológico. Os temas são, aqui, expostos e abordados de modo tanto quanto possível informal, em estilo vivo e corrente.

Antes de entrarmos na primeira parte da exposição, convém falar de um livro que, de certa forma, está na raiz desse curioso e intrigante fenômeno.

## ~ O livro de Alex Haley

Em 1976, o escritor norte-americano Alex Haley, de raça negra, publicou uma obra que se tornou rapidamente *best-seller*: *Roots – Raízes*.

Alex Haley foi militar, serviu na Marinha Norte-Americana, e quando passou para a reserva, aos 37 anos de idade, estabeleceu-se como jornalista e como escritor razoavelmente bem-sucedido.

A história de *Raízes* é interessante. Haley recordava-se de toda uma tradição oral existente na sua família materna, a ele transmitida por algumas tias velhas, que se lembravam de terem ouvido contar que um ancestral da família fora capturado na África, quando se afastara da sua aldeia para cortar um

tronco de árvore e fabricar um tambor. A tradição oral da família conservava o nome africano desse ancestral – Kunta Kinte –, o seu nome adotado nos Estados Unidos – Toby –, os nomes dos primeiros senhores que o escravo Kunta Kinte-Toby teve na América, algumas palavras e expressões do idioma africano, passados de geração em geração, e uma série de episódios da vida desse escravo.

A partir desses dados fragmentários e incompletos, Haley, graças a uma bolsa que recebeu da editora das Seleções do *Reader's Digest*, pôde se dedicar à busca de suas raízes. Fez viagens à África, à Inglaterra, a diversos pontos dos Estados Unidos, consultou especialistas, arquivos, jornais da época em que os vários fatos se passaram. No total, pesquisou em 57 arquivos ou bibliotecas de três continentes, e levou, na pesquisa e na redação do livro, nada menos que 12 anos.

Inicialmente, graças a especialistas em idiomas africanos, ele conseguiu localizar o grupo lingüístico a que correspondiam as palavras e expressões africanas de que se lembrava; conseguiu depois situar aproximativamente a região de onde deveria provir seu ancestral – as margens do rio Gâmbia – e, viajando para a Gâmbia, soube que Kinte era um nome muito freqüente em duas aldeias do interior do país, as quais, segundo a tradição oral, haviam sido fundadas séculos atrás por dois irmãos, membros de um mesmo clã.

Haley procurou essas aldeias, e numa delas teve uma longa conversação – naturalmente por meio de um intérprete – com um *griot*. Os *griots* são cantadores que, de memória e por tradição oral, cantam a história das aldeias, dos clãs negros, das sucessivas gerações de seus moradores. Cada *griot* tem discípulos que ouvem a cantoria do mestre, aprendem-na de cor, e passam para a frente aquele precioso repositório de tradição não escrita.

O *griot* consultado por Haley, após duas horas rememorando toda a história dos Kintes de passadas eras, chegou a um ponto em que, “quando os soldados do rei branco chegaram”, um jovem, chamado Kunta, tendo saído para derrubar uma árvore a fim de fazer um tambor, desaparecera. Haley, emocionado – é assim que ele conta no livro – somente então abriu seu caderninho de notas cuida-

dosamente catalogadas, e mostrou que aquilo coincidia exatamente com o ponto inicial de sua pesquisa, ou seja o que ouvira das velhas tias. Quando traduziram para o *griot* o que dizia o norte-americano, o bardo sorriu, houve uma espécie de cerimônia, com danças tradicionais, batuques e atabaques, e o distante membro do clã Kinte foi solenemente reintroduzido naquela sociedade tribal.

Posteriormente, com base em registros da marinha inglesa e dos censos norte-americanos, Haley conseguiu documentar de modo bastante completo – a julgar pelo seu livro, repita-se – o histórico de sete gerações de sua família, desde Kunta Kinte até ele próprio, e escreveu um livro um tanto romaneado sobre as aventuras de seu pentavô.

Esse livro fez um sucesso extraordinário dos Estados Unidos, e a partir dali no mundo todo. Teve inúmeras edições. No Brasil, foi publicado pela Editora Record com o título de *Negras Raízes*. Já em 1977 foi transformado em filme e depois em seriado de televisão. Na TV norte-americana, imediatamente se tornou recordista absoluto de audiência, conseguindo 130 milhões de telespectadores. Tanto o livro quanto o filme receberam diversos prêmios.<sup>1</sup>

Embora haja quem pense que em *Raízes* o elemento ficção prepondera bastante sobre o elemento pesquisa genealógica, o fato é que foi sobretudo a partir da publicação desse livro que tomou corpo e se fez notar mais sensivelmente, o fenômeno que, neste estudo, chamamos de “Neo-Genealogia”.

## ~ Três modalidades de genealogia, no passado

Antes de mais nada, distingamos a “Neo-Genealogia” da Genealogia que se estudava outrora. Os estudos genealógicos, no passado, eram basicamente:

- 1) ou de cunho religioso;
- 2) ou de cunho nobiliárquico;
- 3) ou se destinavam a assegurar a transmissão da propriedade.

---

<sup>1</sup> Cf. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 19-2-1990.



**DIOCESI DI TREVISO**

Provincia di TREVISO

*Chiesa Parrocchiale di* CAMPIGO di Castelfranco Veneto

**ESTRATTO D'ATTO di** <sup>(1)</sup> nascita e battesimo

*dal Volume dei Registri Parrocchiali di* <sup>(2)</sup> BATTESIMO

*esistenti in questo Archivio, Anno* 1853 *Atto N.* 26

- **DAMETTO ANGELO**

- **DI** Giosuè e Martini Giovanna ambedue da Campigo

- nato a Campigo il 19 Dicembre 1853

- è stato battezzato lo stesso giorno

- dal sacerdote Don GIACOMO DE MARCHI parroco

-

-

-

*In fede di che ecc.*

*In carta libera per uso* <sup>(3)</sup>

Dall'Ufficio Parrocchiale suddetto, il \_\_\_\_\_ 19 \_\_\_\_\_

<sup>(2)</sup> IL PARROCO  
*Sec. Rizzi Perin*

Visto e dichiarato autografo la presente firma.

Dalla Curia Vescovile di Treviso



IL CANCELLIERE VESCOVILE  
*Sec. Emanoel Fleckin*  
*Via Cade.*

(1) «Cristina; Massimo; Maria» — (2) Indicazione espresse Arcivescovo dalla legge — (3) Chi non fosse parroco presentava un «Par» e dopo la firma aggiunge il proprio titolo (Capellano, Curato, ecc.).

TET

Certidão de nascimento e batismo de Angelo Dametto (nascido em Campigo di Castelfranco Veneto, província de Treviso, Itália), ascendente da família ítalo-brasileira Dametto, radicada no município de Carlos Barbosa, RS.



José Dametto (filho de Angelo Dametto) e Maria Simon Dametto, casados em 9.2.1907. Aqui, em 1932.



*Abaixo:*  
Família de Maria e José (*no centro*), em 1957.  
(*Da esq. para dir., sentados*): Rosa, Roberto, Angelina e Orelia;  
(*em pé*): Elias, Angelo, Francisco, Victor, Fidelis, Antonio, Orestes e João (este, o último dos filhos, falecido em 2005).





Netos de Maria e José (*no centro*) reunidos em 1957.

## I) De cunho religioso

Basta lembrar as genealogias bíblicas: Moisés, que sob inspiração divina redigiu o Pentateuco, os primeiros cinco livros das Sagradas Escrituras, talvez possa ser considerado o primeiro genealogista da História da Humanidade.

Não só entre os hebreus, mas entre os povos antigos em geral (pelo menos entre os que possuíam certo grau de cultura), eram muito freqüentes os registros genealógicos. Egípcios, Romanos, Assírios, Caldeus, Gregos, Persas, sempre deram grande valor às estirpes, e na valorização dessas estirpes estava presente um elemento religioso mais preponderante ou menos, mas sempre constante e claro. O culto pela memória dos antepassados, reverenciados pelo que tinham sido e pelo que significavam para os seus descendentes, adquiria, o mais das vezes mesclado com um caráter um tanto supersticioso, um cunho de culto religioso. Isso era constante na Antiguidade.

A esse respeito, cabe lembrar aqui uma obra excelente, que em nossos dias vem sendo reapreciada devidamente: o clássico livro de Fustel de Coulanges *La*

*Cité Antique*,<sup>2</sup> que recentemente foi traduzido e editado pela Editora da Universidade de Brasília. Fustel de Coulanges mostra que tal era o respeito que entre os antigos se tributava aos antepassados, que quando alguém se afastava do torrão natal em demanda de novas terras, para fundar novas cidades, para constituir novas sociedades, novas comunidades políticas, era costume levar, num vasinho, um pouco de terra do local em que nascera e onde estavam sepultados os antepassados. Essa porção de terra, levada com respeito, era também com respeito depositada no local em que se erigiria a nova fundação, para que, de certa forma, pelo menos simbolicamente, fosse algo das cinzas dos antepassados que se transferisse para o novo local, e a continuidade daquela estirpe, na interpenetração profunda entre esses dois valores, a família e o torrão natal, fosse mantida.

As catacumbas romanas também têm origem, segundo teorias das mais categorizadas, nesse culto respeitoso dos antepassados – os *Manes* – (ao lado dos *Lares* e dos *Penates*).

Como fizesse parte dos costumes que os membros de uma família – da *gens* romana – fossem sepultados dentro dos limites do próprio lar, costumava-se escavar, dentro da urbe romana, por baixo das casas ou dos palácios, túneis em níveis diversos de profundidade, para, dentro dos limites da propriedade, sepultar os membros daquela *gens*. Cada família vivia, assim, no sentido mais estrito do termo, sobre um cemitério em que jaziam seus antepassados, sem sair dos limites territoriais do lar. Ao cabo de algumas gerações, inevitavelmente esses condutos subterrâneos se comunicavam uns com os outros, constituindo uma vastíssima rede de galerias que com o passar dos tempos perdeu a primitiva significação, mas na qual a Igreja perseguida, nos três primeiros séculos da Era Cristã, encontrou abrigo seguro (pois os pagãos conservavam um temor supersticioso de penetrar naquelas galerias escuras, e mesmo quando eles penetravam, os cristãos, que conheciam o mapeamento daquela cidade subterrânea, com relativa facilidade conseguiam ocultar-se), na qual sepultou seus mártires

---

<sup>2</sup> COULANGES, Fustel de. *La Cité Antique*. 19.<sup>a</sup> ed., Paris: Hachette, 1905.

e que até hoje é visitada com comovida veneração por incontáveis peregrinos que acorrem à Cidade Eterna.

## 2) De cunho nobiliárquico

Além dos registros genealógicos de cunho religioso, havia os de cunho nobiliárquico. Certas estirpes se destacavam por sua liderança, por sua maior capacidade de ação, por sua dedicação ao bem comum das sociedades grandes ou pequenas, não apenas se preocupando com o seu interesse individual ou familiar, mas também gerindo a sociedade e cuidando de prover às necessidades coletivas. Os membros dessas estirpes tendiam, muito explicável e naturalmente, a ser vistos com especial respeito pelos demais.

Já na Antiguidade, um tanto mesclado com o preponderante elemento religioso, constituíram-se aristocracias no verdadeiro sentido etimológico do termo (ou seja, os melhores ou os mais fortes exercendo o governo), as quais possuíam senso nobiliárquico, tendo noção clara de que constituíam uma elite, tinham conhecimento de seu passado e tinham esperança e disposição para um futuro na mesma orientação. Na Antiguidade, manda a verdade que se diga, essas aristocracias muito freqüentemente degeneravam naquilo que é, segundo Aristóteles e São Tomás de Aquino, a corrupção da aristocracia, ou seja, a oligarquia.

Passando agora da Antiguidade para as origens da Idade Média, ou seja, após a verdadeira derrocada que representou, para o Império Romano do Ocidente, a avalanche das invasões bárbaras, à medida que os povos bárbaros se foram civilizando, que foram sendo expulsos os restos de paganismo, a tendência natural era para se constituírem e se consolidarem estirpes aristocráticas. É muito explicável que se procurasse registrar e conservar os feitos e os fastos dessas estirpes, de onde os linhagistas medievais que existiram em todos os países da Europa. Para falar em termos portugueses, recorde-se o famoso *Livro Velho das Linhagens*, também conhecido como *Nobiliário do Conde D. Pedro*.

### 3) A genealogia que se destinava a garantir as heranças

Por fim, outra modalidade que tinham os estudos genealógicos até 20 ou 30 anos atrás, era quando se destinavam a assegurar a transmissão de patrimônios pela via da sucessão hereditária. Em Portugal, por exemplo, nos séculos XVI, XVII e XVIII eram clássicas as querelas judiciais prolongadíssimas (algumas se arrastando por diversas gerações) pela disputa de um vínculo, de um morgadio, de um senhorio qualquer que, por vontade do primitivo proprietário, se transmitia indivisível de geração em geração, pela linha da primogenitura, segundo certas regras gerais fixadas nas Ordenações do Reino, e segundo certas normas específicas estabelecidas pelo instituidor. Ao cabo de 100, 200 ou 300 anos, muitas vezes extinguiu-se o ramo primogênito, e acontecia que se apresentavam vários pretendentes. Entravam então em cena genealogistas que, com ou sem razão, procuravam sustentar a precedência de umas linhas sobre outras, ou contestar a legitimidade de certas sucessões.

Aquí no Brasil de nossos dias, há pelo menos dois casos judiciais abertos em que a ciência da Genealogia tem importante palavra a dizer. São os bem conhecidos casos das sucessões do Comendador Domingos Corrêa (cuja imensa fortuna, constante de larguíssimas extensões de terra no Rio Grande do Sul e no Uruguai, até hoje é disputada, decorridos mais de 100 anos de sua morte, por muitos milhares de pessoas que são ou se pretendem seus herdeiros) e do Barão de Cocais, que deixou uma fortuna muito grande aplicada num banco inglês e até hoje essa fortuna não foi retirada, embora esteja, teoricamente, à disposição das muitas centenas de seus herdeiros.

Ainda em nossos dias na França – pouca gente sabe disso no Brasil – há escritórios especializados, *doublés* de advocatícios e genealógicos. O mais antigo desses escritórios, o Étude Andriveau, está em funcionamento desde 1830. A especialidade de tais profissionais consiste em caçar herdeiros para fortunas jacentes.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> UTZERI, Fritz. “Franceses vivem de caçar herdeiros”, *Jornal do Brasil*, 2-II-1986.

Pela lei francesa, quando morre alguém sem herdeiros próximos, o direito de herdar se estende a parentes de graus muito afastados, às vezes remotos parentes inteiramente desconhecidos dos falecidos. A lei brasileira parece bem menos benigna, nesse ponto. Ainda pela legislação francesa, as heranças jacentes devem ser administradas (como, aliás, também no Brasil) por um curador, durante um período razoavelmente prolongado, até que apareçam os herdeiros ou que, não aparecendo eles, a herança seja declarada vacante e passe para o domínio do Estado.

Então acontece que, quando morre alguém rico e não deixa testamento nem herdeiros conhecidos, esses escritórios se põem na caça dos herdeiros, levantando a árvore genealógica do defunto, e procurando ramos colaterais de sua família. Quando, afinal, localizam os herdeiros, evidentemente cobram caro seus serviços...

Cada interessado recebe, em sua casa, uma carta do escritório, dizendo que a equipe especializada daquele estabelecimento procedeu, por sua conta e risco, a laboriosíssimas investigações genealógicas que habilitam o destinatário a receber uma herança de um parente desconhecido. Caso o destinatário tenha interesse, basta assinar um documento que vai anexo, constituindo os advogados daquele escritório seus procuradores para o processo de inventário, e desde logo renunciando em favor do escritório a uma porcentagem sobre o total do valor dos bens herdados, à guisa de pagamento de honorários sobre a pesquisa genealógica (não sobre os trabalhos advocatícios, note-se). Somente depois de bem assinado e bem autenticado esse documento é que o escritório revela a identidade do “tio rico” desconhecido...

Para velar melhor o caso, alguns escritórios fazem o documento em termos que deixam o feliz recebedor de uma carta dessas ainda mais completamente no escuro... O texto a ser assinado pelo herdeiro prevê várias hipóteses: se o montante da herança for, por exemplo, de dez mil francos, o herdeiro se compromete a ceder ao escritório uma porcentagem bastante alta, de 50 % da herança; se o montante for maior, a porcentagem vai baixando gradativamente até 15 %.

Assim sendo, o felizardo nem tem condições de avaliar o montante da riqueza deixada pelo falecido, nem a quota que lhe cabe a ele (pois podem ser muitos os herdeiros, e só o escritório tem o mapeamento completo deles): só lhe resta aceitar as condições propostas ou desistir da herança. A menos que queira ele mesmo se entregar a pesquisas genealógicas de incerto resultado... Mas como ele também não é informado de quanto tempo faz que morreu o suposto ricaço, ele não sabe se o prazo legal para a habilitação já está se esgotando, e não sabe se serão muitos os co-herdeiros... É aceitar as condições ou desistir!

## ~ Caricaturas ou contrafações do genealogista

A essas três modalidades clássicas de Genealogia, poderíamos acrescentar a do falso nobre. Ou seja, a da pessoa que se pretende nobre, se imagina nobre, e procura doidamente, numa ascendência irremediavelmente plebéia, algum antepassado nobre. E, como reza o velho ditado, “não há geração sem conde e ladrão”, pode acabar encontrando algum nobre. Então começa o delírio: supervaloriza-o, põe-se a falar dele para toda a gente, começa a usar anel de nobreza sem ter a isso direito, e comete toda espécie de desatinos que a convertem verdadeiramente numa caricatura de nobre... e numa caricatura de verdadeiro genealogista.

Essa ridícula posição, naturalmente, sempre foi alvo fácil de sátiras de todo tipo... Seria um não mais acabar se fôssemos aqui transcrever algumas dessas sátiras, verdadeiramente espirituosas. Apenas à guisa de exemplo, lembrem-se a de Alexandre de Gusmão<sup>4</sup>; a do Abade de Jazente, com seu famoso soneto satirizando os que supervalorizam linhagens fabulosas<sup>5</sup>; a de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, que no final do seu *Catálogo Genealógico das Principais Famílias da Bahia e Pernambuco*, escreve em duas páginas a genealogia fabulosa da família Fialho.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> *Genealogia Geral para Desvanecer a Errada Opinião dos Senhores Puritanos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, Códice 7663, págs. 48; in *Brasil Genealógico*, tomo I, n.º I, 1960.

<sup>5</sup> *Apud* SILVA, Armando Barreiros Malheiro da. *A Genealogia em Portugal e o Desafio do Presente*, em *Armas e Troféus*. Lisboa, 1984, V série, tomo V, n.ºs 1-3.

<sup>6</sup> *Apud* POLIANO, Luiz Marques. *Heraldica*. São Paulo: Edições GRD em convênio com o Instituto Municipal de Arte e Cultura-Rioarte, 1986, pp. 330-333.



E, *the last but not the least*, recorde-se o que escreveu o Apóstolo São Paulo em sua primeira Epístola a Timóteo, I, 4: “não se ocupassem (os fiéis) em fábulas e genealogias intermináveis, as quais servem mais para questões do que para aquela edificação de Deus, que se funda na fé.”

Outra caricatura do genealogista é a do profissional ou amador inescrupuloso, de encomenda, que é pago para elaborar uma prestigiosa árvore genealógica, e, sem seriedade científica, sem senso crítico, às vezes até dolosamente, forja origens falsas. Isso existia no passado, quando muitas vezes se recorria a processos desse gênero para provar a chamada “limpeza de sangue” em processos de habilitação *de genere*, para capacitar alguém para o sacerdócio, ou para o recebimento de uma comenda, ou algo do gênero.

## ~ A Neo-Genealogia

Falemos agora não mais da velha e tradicional Genealogia, nem das caricaturas e contrafações dela, mas do fenômeno novo que se pode chamar Neo-Genealogia.

Já não mais é uma genealogia sacra, por motivos religiosos, que se estuda hoje em dia – exceção feita da seita Mormon, cujos membros investigam as próprias raízes porque crêem que a revelação que teria sido feita ao seu fundador, John Smith, no século passado, pode beneficiar as pessoas que viveram antes dele, se os descendentes delas se converterem ao mormonismo e cumprirem, em relação aos respectivos antepassados, determinados ritos póstumos.

Também não se trata de uma genealogia de cunho nobiliárquico. Não é para encontrar antepassados nobres que se pesquisa afanosamente, nem para disputar heranças e legados. Mas – e nisto está o essencial do fenômeno da “Neo-Genealogia” – é única e exclusivamente para *encontrar as próprias raízes*, provenham elas de onde provierem.

Sim, é com essa finalidade de encontrar as próprias raízes sejam elas quais forem que, nestes tempos em que vivemos, assistimos ao renascimento – melhor seria dizer à revivescência – dos estudos genealógicos.

Vejamos alguns fatos a esse respeito:

## ~ Aumento do número de pesquisadores

São sempre mais numerosos os pesquisadores. E não são necessariamente velhos saudosistas e afeitos à poeira dos arquivos, por esquisitice ou mania. Mas são pessoas de todas as idades – muitas delas jovens – e de todas as classes sociais, inclusive das mais modestas. E isso em muitos países.

Há tempos visitou o Brasil um professor universitário norte-americano que, em conversa com genealogistas brasileiros, relatou um fato muito engraçado que mostra como também nos Estados Unidos de uns tempos para cá tem aumentado enormemente o número de pesquisadores de Genealogia.

Esse professor estava no interior do Estado de Kentucky, numa cidadezinha, e precisou entrar numa igreja, para pedir uma informação qualquer ao padre; era alguma coisa puramente religiosa o que ele desejava. O professor foi à igreja, procurou a sacristia, e percebeu que o padre, tão logo o viu, literalmente se escondeu. Pôs-se detrás de um móvel, afastou-se sorrateiramente, entrou por um corredor e sumiu. Ele achou aquilo muito estranho, bateu palmas, tocou uma campainha que havia lá, chamou em voz alta pelo padre... e nada de o padre aparecer! Afinal, após muito barulho apareceu o padre de cara contrafeita, perguntando: – Afinal, o que o Sr. quer? É fazer pesquisa nos livros paroquiais, não é?

– Não, respondeu ele, eu estou apenas passando por aqui, e queria saber se o Sr. podia me informar o horário das Missas.

Na mesma hora o padre se distendeu e abriu um largo sorriso:

– Claro que posso! Com muito gosto! O que não posso mais é suportar esses genealogistas insuportáveis que me vêm atormentar com suas intermináveis pesquisas! Quase todo dia aparece aqui um deles, e pensei que o Sr. fosse mais um...



A grande medievalista Régine Pernoud, na introdução do livro *Le Tour de la France médiéval*, que publicou em colaboração com Georges Pernoud,<sup>7</sup> fala da enorme atualidade que tem, na França de nossos dias, a Idade Média. Ela registra que é enorme o movimento de curiosidade dos franceses atuais em relação à Idade Média, que toca – a expressão é dela – “as mais íntimas fibras” da alma dos franceses. Em seguida ela se pergunta qual a natureza desse movimento de curiosidade:

“Essa Idade Média, tão presente no mundo de hoje, seria apenas a sustentação de um sonho que se oporia a uma realidade de concreto e de matéria plástica?....

“Não, há algo mais profundo nesse movimento – que é o mesmo que leva tantos franceses a se debruçar sobre suas próprias genealogias. Quando Jean Favier, diretor dos Arquivos de França, houve por bem abrir um curso para esses caçadores de ancestrais e de linhagens que atualmente tomam de assalto nossos arquivos, ele desde logo precisou duplicá-lo, de tal maneira eram numerosos os amadores que desejavam por si mesmos decifrar velhos papéis e pergaminhos que poderiam permitir-lhes um progresso maior em suas explorações, subindo um pouco mais alto na procura de suas origens. Ora, o que impulsiona esses pesquisadores, o que lhes espicaça a curiosidade, é precisamente a necessidade que têm de reencontrar a própria identidade. O estudo da História, tal como a estabelecem os programas de ensino oficiais, já não os satisfaz; esse estudo frustra uma parte deles, precisamente a parte melhor, aquela que tem verdadeiro sabor da vida; eles querem – e isso já virou clichê – ‘reencontrar suas raízes’. Pois neste mundo em que tudo lhes é facilitado, eles procuram aquilo que está ao alcance do mais humilde dos ciganos: as tradições que lhes são próprias. Eles entrevêem que por trás... das instituições oficiais nascidas por força de uma lei ou de um decreto, há figuras encantadoras, há belas histórias de romance, há fisionomias de contos de fadas, há toda uma arte de viver, uma paisagem familiar, que eles vão descobrindo com o ardor de

---

<sup>7</sup> Paris: Éditions Stock, 1982, pp. 8-9.

um arqueólogo que sonda as profundezas de um terreno para tirar à luz do dia uma civilização portadora de tesouros ocultos.”

Sem dúvida Régine Pernoud, nesse trecho, descreveu e exprimiu bem o fenômeno que chamamos da Neo-Genealogia.

## ~ Genealogistas profissionais – revistas especializadas

No Brasil de nossos dias já começam a aparecer pessoas que se dedicam profissionalmente à Genealogia. Na França, isso é muito corrente, existem cadastros organizados de genealogistas, com especializações, com subespecializações, que põem anúncios em jornais, que se correspondem entre si, que trocam informações e pistas. Em Versalhes, por exemplo, se edita uma prestigiosa revista, *Héraldique et Généalogie*, que é o órgão oficial do Centre Généalogique de Paris, e é dirigida por M. Gérard de Villeneuve, o qual é descendente de genealogistas da Corte francesa nos séculos XVI e XVII.<sup>8</sup>

Essa revista serve de elo entre as vastíssimas redes de genealogistas especializados, e publica regularmente resenhas das matérias publicadas por outras revistas genealógicas francesas de âmbito mais restrito: revista de Genealogia da Borgonha, da Lorraine, do Marne, da Provence, ou então revista de Genealogia de descendentes de corsários, ou de “gentil-hommes verriers” (nobres fabricantes de vidros), etc.

Na França existe uma Association des Descendants de Corsaires, com sede em Saint-Malo, fundada em 1963. Para fazer parte dessa entidade o candidato precisa provar com documentos que é descendente direto de um corsário que tenha navegado com alvará de autorização concedido por algum rei da França. Descendentes de vis piratas, portanto, estão excluídos; só os descendentes de nobres corsários podem ingressar...

---

<sup>8</sup> Cfr. DELORME, Philippe. “*La Généalogie, c’est comme la chasse!*”, *Dynastie*, Paris, 13-2-1987.

Ainda na França há uma outra entidade, mais restrita, dos descendentes de Robert Surcouf, corsário que viveu entre 1773 e 1827. A sede também é em Saint-Malo.<sup>9</sup>

Somente em Paris existem duas outras grandes revistas genealógicas, *Généalogie-Magazine* e *Histoire & Généalogie*. Ambas são publicadas pela mesma editora Christian. A primeira é de interesse mais geral; a segunda, sem ser exclusivamente nobiliárquica, dedica-se mais especificamente ao estudo de famílias nobres.

Em Portugal, existem duas grandes instituições dedicadas aos estudos genealógicos, cada uma das quais com sua revista, ambas de excelente nível. A primeira é o Instituto Português de Heráldica, fundado por volta de 1940. Edita a revista *Armas e Troféus* e tem reuniões mensais, no terceiro sábado de cada mês, num local muito pitoresco e evocativo, nas ruínas do Convento do Carmo, de Lisboa, indo todos os membros, após a reunião, jantar na tradicional Cervejaria Trindade, no refeitório, todo recoberto de azulejos, de um antigo convento.

A segunda é a Associação Portuguesa de Genealogia, fundada mais recentemente, a qual edita a revista *Raízes e Memórias*.

## ~ O caso dos que querem passaporte europeu

No Brasil, como dissemos, já começam a aparecer pessoas que adotam o exercício da Genealogia como profissão. Ainda são poucos esses genealogistas de dedicação integral, mas já os há em vários Estados, sobretudo do Sul do país. Os clientes são, na sua grande maioria, pessoas que desejam comprovar ascendência italiana, ou alemã, ou de alguma nação européia que admita a aquisição tardia da nacionalidade ou da cidadania pelo *jus sanguinis*, pelo direito do sangue.

O desejo de obter o prestigioso passaporte europeu, com as facilidades que tal passaporte assegura, leva muitos brasileiros descendentes de imigran-

---

<sup>9</sup> Cf. *Historia*, n.º 564, Paris, 1994.

tes europeus a pagarem pesquisadores profissionais para o levantamento de sua origem.

Mas isso não se confunde, note-se, com o fenômeno da Neo-Genealogia. É mais bem um aspecto episódico, colateral, causado sem dúvida pelas condições tristes do Brasil atual, tão cheio de crises e dificuldades, tão desesperançado do futuro. São pessoas que, postas nessa situação, começam a se prevenir para o futuro, para a eventualidade de irem tentar a sorte em outros países mais ricos. Não são pessoas que estudam as raízes ancestrais pelo gosto de conhecê-las. Seria mais acertado, pois, dissociar esse filão de pessoas do fenômeno da Neo-Genealogia – embora muitas vezes uma pesquisa iniciada por interesse de obter o passaporte europeu acabe se transformando numa paixão para a vida inteira.

Afora os genealogistas profissionais, existe um número crescente de genealogistas amadores, aficionados da Genealogia, que estudam, pesquisam, procuram informações, buscam documentos, etc.

Outro motivo pelo qual se estuda Genealogia, também à margem do fenômeno que denominamos Neo-Genealogia, é de ordem médica. Fazer um levantamento histórico das doenças nos ascendentes até a quarta ou quinta geração pode ser de muita importância para a prevenção de certas doenças, e às vezes até mesmo para estabelecer certos diagnósticos. É cada vez mais freqüente o número de médicos que adotam o costume de registrar, nas fichas de seus pacientes, os antecedentes familiares patológicos, e que pedem a esses pacientes que se informem do modo mais completo possível sobre tais antecedentes.<sup>10</sup>

Em janeiro de 1992, a Associação Médica Americana deu a público, como faz todos os anos, suas “Resoluções de Ano-Novo para um país mais saudável”. Pela primeira vez, constava um capítulo com o seguinte título “Escreva a história da saúde de sua família”.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Cf. BROWDER, Sue. “Uma ‘árvore’ que pode salvar sua vida”, *Seleções do Reader’s Digest*, agosto de 1993; cf. também “Genética começa a revolucionar Medicina”, matéria do *U.S. News & World Report*, reproduzida em *O Estado de S. Paulo* de 27-8-1994.

<sup>11</sup> Cf. “De volta para o futuro – americanos reconstróem a história das doenças de seus pais e avós para avaliar os riscos de desenvolver males genéticos”, *Veja*, 29-I-1992).

Também na área da Psicologia e da Psicoterapia os estudos genealógicos vêm sendo usados. A Dra. Anne Ancelin Schützenberger, professora emérita da Universidade de Nice, desenvolveu uma “terapia transgeracional psicogenealógica contextual”, por meio da qual os pacientes elaboram seus “genossociogramas”, explicitando dessa forma, e resolvendo, problemas familiares herdados dos seus antepassados.<sup>12</sup>

## ~ Incremento de associações genealógicas

Multiplicam-se e têm grande incremento as associações especializadas em pesquisa genealógica. Aqui no Brasil, além do tradicional Instituto Genealógico Brasileiro – IGB, fundado em 1939, na capital paulista, pelo Coronel Salvador de Moya, existe também o Colégio Brasileiro de Genealogia, com sede no Rio de Janeiro, fundado em 1950 e congregando um grupo notável de pesquisadores; há o Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul – INGERS, que reúne, numa pitoresca e acolhedora sede, pesquisadores gaúchos, na sua maioria de origem alemã; há ainda o tradicional Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, fundado há meio século pelo célebre Aluísio de Almeida (pseudônimo do sacerdote e historiador Monsenhor Luiz Castanho de Almeida); lembre-se ainda o Instituto Hans Staden, de São Paulo, que editou, em colaboração com o IGB, vários volumes sobre a genealogia de famílias brasileiras de origem alemã, e mantém um fichário organizadíssimo com essa documentação; e a Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia – ASBRAP, fundada em São Paulo, em 1994. A ASBRAP não apenas congrega pesquisadores, mas constitui, por assim dizer, um projeto de sindicato do pesquisador, que luta por seus interesses e pela preservação do tão desprezado e abandonado patrimônio arquivístico do País.

Com exceção do INGERS e da ASBRAP – que são de fundação mais recente, mas cujo eixo é constituído predominantemente por pessoas que já estuda-

---

<sup>12</sup> Cf. SCHÜTZENBERGER, Anne Ancelin. *Meus Antepassados: Vínculos Transgeracionais, Segredos de Família, Síndrome de Aniversário e Prática do Genossociograma*. São Paulo: Paulus, 1997.

vam Genealogia seriamente muito antes de se generalizar esse fenômeno que aqui estamos denominando Neo-Genealogia – todas as outras instituições mencionadas são bem anteriores ao surgimento do referido fenômeno. Mas todas, sem exceção, se beneficiaram numericamente e qualitativamente desse fenômeno. Todas encontram terreno fértil para a arregimentação de novos membros. É crescente o número de associados, e qualquer trabalho de divulgação da ciência genealógica obtém, graças precisamente a esse fenômeno que estamos analisando, um resultado surpreendente, muito acima do que seria razoável esperar.

## ~ Reuniões de parentes

Outra manifestação desse fenômeno é a cada vez mais comum realização de enormes encontros de parentes.

Ainda recentemente se reuniram, em São Bernardo do Campo, descendentes da numerosa família Demarchi, uma das primeiras da imigração italiana na região. Foram muitas centenas de parentes que confraternizaram, comendo pratos típicos da imigração italiana (o tradicional frango frito com polenta), em torno de uma senhora muito idosa que é a mais nova das filhas, e a única sobrevivente, do primeiro casal de Demarchi que chegou ao Brasil.

É freqüentíssimo, em jornais, se verem notícias de reuniões dessas. O Banco de Dados do jornal *Folha de S. Paulo* cataloga sistematicamente reuniões dessas. Os pretextos para essas reuniões, cada vez mais freqüentes, são, por exemplo, comemorar os 100 anos da chegada do primeiro membro da família ao Brasil. O autor do presente ensaio possui em seu arquivo muitas dezenas de recortes nesse sentido, e só não os menciona para não alongar demasiado este trabalho.

Existem até mesmo, na Internet, alguns *sites* que facultam aos interessados o *know-how* indispensável para quem deseja organizar uma reunião de família, com roteiros, cronogramas, impressos a serem enviados para os parentes convidados, etc., etc. – para que nada saia improvisado...

Essas reuniões de parentes ocorrem em todos os países, não apenas no Brasil. Caso muito engraçado ocorreu com uma família portuguesa, de remotíssi-



ma origem galega. Resolveram, há cerca de dez anos, confraternizarem-se os membros dessa família, há muitos séculos estabelecida em Portugal, com seus longínquos parentes de mesmo nome e mesma origem, espalhados, a partir da Galícia, por várias províncias da Espanha. Tratava-se, pois, de reunir, numa comemoração conjunta, os dois ramos da família, o português e o espanhol. Pôs-se então o problema das precedências: onde realizar o evento, em território português ou em território espanhol? Se fosse em território português, figurando os portugueses como anfitriões, isso significaria uma superioridade deles sobre os espanhóis, e, mais do que isso, uma precedência da própria nação lusa sobre a espanhola – coisa que os espanhóis não aceitariam. Se a reunião fosse em território espanhol, os de Portugal, pelas mesmas razões, obviamente, também não aceitariam. Acabaram encontrando uma solução jeitosa: a reunião se realizou em Olivença, antiga cidade portuguesa que, na confusão das guerras napoleônicas, foi tomada pela Espanha e há 200 anos permanece ilegalmente dominada pela Espanha sob protesto português. Em Olivença, ambos os ramos da família se sentiam no território de seu próprio país, fosse ele de direito, fosse de fato... E sem maiores discussões ali se reuniram pacificamente mais de 400 homens dessa família, sem contar mulheres e crianças.

## ~ Clubes e revistas familiares

Uma vez feitas essas reuniões de família, quase sempre os presentes decidem se reencontrar outras vezes, pelo menos uma vez por ano, e logo surgem – muito naturalmente – alguns membros da família que chamam a si a tarefa de organizar e promover novos encontros, que recolhem os endereços dos presentes, que começam a mandar circulares preparatórias de novos encontros e para descobrir outros parentes que não estavam ali, etc. Por vezes chega-se à constituição de verdadeiros clubes familiares, com publicações periódicas próprias, as quais circulam exclusivamente entre os membros daquele clã.

Possuímos em nosso arquivo considerável número de recortes sobre clubes desses, em vários países, e às vezes clubes reunindo membros de uma só família

em países muito diversos. Há casos, por exemplo, de famílias italianas que têm um ramo no Brasil, outro nos Estados Unidos, outro em Buenos Aires, além da matriz, digamos assim, na própria Itália. E todos publicam um boletim com notícias da família, se intercomunicam, se visitam.

No início dos anos 90 ocorreu aqui em São Paulo um caso curioso, em que um desses clubes familiares teve papel importante. Existe em São Paulo uma revista especializada em armas, chamada *Magnum*. Certo dia, no escritório do diretor técnico dessa revista, Laércio Gazinhato, apareceu um senhor levando um velho revólver Colt modelo 1860, usado pelas tropas nortistas na Guerra da Secessão, muito bem conservado, e tendo algumas incrustações de prata com o nome do possuidor “L.S. Blasdell” e o número de seu regimento. O possuidor do revólver, que desejava avaliá-lo, apenas informou que o adquirira muitos anos antes no interior de São Paulo, na cidade de Americana – cidade que, como é bem sabido, foi fundada por sulistas que se refugiaram no Brasil após terem sido derrotados na Guerra da Secessão, nos Estados Unidos.

Como era um revólver raro, o especialista se interessou no caso, procurou literatura especializada, escreveu para a fábrica Colt, escreveu para o Museu da Academia Militar de West Point, e, após mais de dois anos de pesquisas, conseguiu apurar que o revólver em questão fazia parte de um lote de 600 armas adquirido em 1861 pelo exército unionista; seu proprietário, o voluntário Levi Blasdell, tinha se alistado num regimento de voluntários da Pennsylvania, havia lutado longamente, depois caíra prisioneiro dos confederados sulistas (ocasião em que, presumivelmente, perdera sua arma) e mais tarde fora trocado por um prisioneiro sulista em poder dos nortistas. O curioso – e é por isso que essa história interessa ao presente ensaio – é que as pesquisas do Sr. Laércio Gazinhato foram grandemente facilitadas porque ele entrou em contato com uma “Associação Nacional da Família Blasdell”, a qual edita uma publicação intitulada *Blasdell Papers*. Por meio dessa revista, o Sr. Gazinhato conseguiu entrar em contato com os descendentes do militar, conseguiu os dados biográficos completos dele, conseguiu um velho daguerréotipo dele, e conseguiu ademais uma árvore genealógica dos Blasdell até o século XV. Ele agora

está tentando adquirir a arma para mandá-la aos Estados Unidos, para ser incorporada ao acervo que a família Blasdell conserva.<sup>13</sup>

## ~ Livros de família

São também freqüentes os “Livros de Família”, geralmente preparados com esforços incríveis por abnegados pesquisadores que reúnem, nas suas próprias famílias, toda a documentação disponível e se embrenham em pesquisas, algumas vezes de grande vulto e abrangência, pelo passado. O resultado é, geralmente, um livro de interesse restrito somente aos membros daquela família. Mas casos há de estudos sociológicos de interesse bem mais amplo, a partir do estudo de caso de uma determinada família.

Veja-se, por exemplo, o seguinte: na Universidade Federal do Rio de Janeiro, há poucos anos, foi defendida uma tese de mestrado pelo Prof. Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, descendente de escravos do Mosteiro de São Bento, em São Paulo. Ele conseguiu reconstituir a história de nove gerações de sua família, cinco das quais cativas, e publicou um livro, pela Editora Hucitec, intitulado *Dietário dos Escravos de São Bento*.<sup>14</sup>

## ~ Informática e Genealogia

Poderíamos nos estender aqui longamente a respeito de um fator que ajuda bastante os genealogistas, e os neo-genealogistas, em suas pesquisas. É a utilização de recursos técnicos modernos, tais como microfilmes e, mais recentemente, computadores. Há muitos programas de computação especiais para uso de genealogistas.

A Informática facilitou muito a disseminação da Neo-Genealogia. Uma investigação sumária na Internet permite que qualquer pessoa rapidamente se

---

<sup>13</sup> Cf. GAZINHATO, Laércio. “À procura de L.S. Blasdell”, in *Magnum*, São Paulo, maio/junho de 1993.

<sup>14</sup> Cf. “Álbum de família”, *Veja*, II-3-1992.

ponha em contato com inumeráveis *sites* de teor genealógico, nos quais se divulgam e permutam informações preciosas. Numerosas listas de discussão de genealogistas se mantêm ativas, e até mesmo revistas de Genealogia são publicadas *on-line*. No Brasil é esse o caso da revista *Gen-Tree*, de São Paulo, órgão da Associação Brasileira de Genealogia e dirigida pela genealogista Marta Amato.

Atualmente é quase incompreensível que alguém pense em fazer sua própria genealogia sem recorrer às informações postas ao alcance de todos pela Internet. Ademais dessa fonte privilegiada de informações, a Informática pode também facilitar os estudos genealógicos de diversos outros modos:

- a) em arquivos públicos ou privados de grande porte, com vistas a favorecer o acesso às informações, de modo a que não se percam como agulhas em palheiro;
- b) para o armazenamento de dados já pesquisados, detecção de homônimos, cálculos do chamado implexo genealógico, etc.;
- c) para a elaboração de projetos gráficos de linhagens e árvores genealógicas;
- d) para o estabelecimento de graus de parentesco remoto, ou dos vários títulos de parentesco;
- e) para o cálculo de probabilidades de parentescos incertos.

Mas, sobretudo, o que ajuda muito os estudiosos é a possibilidade de pesquisar e contatar outros estudiosos e parentes por meio da Internet. Um genealogista brasileiro que deseje, por exemplo, estudar *clans* escoceses, com vistas a completar seus conhecimentos sobre um remoto ancestral escocês, pode servir-se perfeitamente da Internet. Por qualquer mecanismo de pesquisa (como o Google, o Yahoo ou o Altavista), uma rápida navegação na Internet lhe permitirá descobrir não só dados históricos sobre o *clan* desejado, mas poderá copiar em sua impressora, em cores, o respectivo *tartan* – ou seja, aquele tecido de lã com padrão e cores distintas unicamente dos membros daquele *clan*, usado nos *kilt* (o saio tradicional escocês). E poderá encontrar com facilidade numerosos endereços eletrônicos de membros do *clan* na Escócia, na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá, bem como de associações de membros do *clan* nos vários

países. Sem dizer que tomará facilmente conhecimento das regras e normas do complicadíssimo sistema clânico, de origens célticas e, em pleno século XX, observado em larga medida na Escócia, na Irlanda e no País de Gales.

Um único exemplo entre muitos outros: veja-se na Internet o *site* da Clan's Drummond Society, constituída por pessoas do mundo inteiro que descendem do famoso *clan* escocês que se tornou célebre por sua abnegada fidelidade aos Stuarts afastados da coroa de Escócia e Inglaterra pela Casa de Hanôver.

## ~ Cursos e livros de iniciação genealógica

Por fim, cabe também mencionar a multiplicação de cursos de vários níveis, para iniciação e aperfeiçoamento de genealogistas, sempre com grande frequência e encontrando grande receptividade.

Multiplicam-se também livros do gênero *Faça Você Mesmo Sua Árvore Genealógica*, *Genealogia para Principiantes*, etc.

## ~ Qual a causa profunda desse fenômeno?

Uma vez vistos, embora resumidamente, em traços muito ligeiros, os fatos, passemos à segunda parte deste ensaio, ou seja, à pergunta levantada no seu subtítulo: – Por que tanta gente hoje em dia procura as próprias raízes?

Note-se mais uma vez que não é o desejo de encontrar ancestrais nobres que leva muitos a se dedicarem a esses estudos. Mas seria errado também ver nessa neo-genealogia um plebeísmo militante e anti-aristocrático. Na realidade, ser nobre ou plebeu é um problema que nem se põe. Trata-se do mero gosto de encontrar as próprias raízes, provenham elas de onde provierem.

Como explicar esse gosto, esse interesse?

Há nisso, sem dúvida, algo de modismo. O papel do livro de Alex Haley não pode, nessa perspectiva, ser subestimado. Mas seria superficial ver só modismo, ou ver preponderantemente modismo nisso. Na realidade, são anseios de alma mais profundos que encontram vazão dessa forma.

Que anseios são esses?

O homem, dizia Aristóteles, é um animal racional e político. Ele tem alma, ele pensa, a ele convém viver *politicamente*, isto é, em *polis*, em comunidade com seus semelhantes. Ele tem o instinto de sociabilidade proveniente da sua natureza livre e racional, e por isso lhe repugna o isolamento.

Cada homem, pois, deve ser considerado e deve considerar-se como fazendo parte de um conjunto.

Esse conjunto não deve ser somente no espaço, mas também no tempo.

No ESPAÇO: os homens têm necessidade da companhia de seus semelhantes para viverem, pelas insuficiências dos indivíduos e pela necessidade de uns proverem às carências dos outros; mas também pela simples conveniência do mútuo relacionamento, para a satisfação de um instinto indissociável da natureza humana, que é o instinto de sociabilidade.

É sabido que uma das profissões mais bem pagas pela Marinha brasileira é a de guardião de faróis. Trata-se de um funcionário que é levado para o farol, no meio do mar, com toda espécie de confortos, com um esplêndido salário, tendo como única obrigação acender o farol todas as noites e desligá-lo todas as manhãs, e nada mais... Mas ele tem o ônus de viver meses seguidos sem ver ninguém, sem se comunicar com ninguém a não ser por rádio. À primeira vista, parece muito fácil ser guardião de farol... Na realidade, essa função é muito difícil de ser preenchida, a Marinha tem extrema dificuldade de preencher seus quadros de guardiães de farol, e muitas vezes acontece de alguém aceitar e poucas semanas depois, desesperado, pedir socorro por rádio desistindo do contrato com medo de ficar louco. E há casos de o guarda-farol enlouquecer de fato! Profissão considerada de alto risco, pois...

No TEMPO: não só no espaço, mas também no tempo o homem deve considerar-se num conjunto, constituindo não um ser fechado sobre si mesmo, como uma ilha no mar, mas como um elo na transmissão da vida, um elo num processo vital, ao mesmo tempo efeito de seus ancestrais e causa de seus descendentes.

Essas as indagações filosóficas primeiras que decorrem, no homem, da simples consciência que ele tem de sua própria existência: de onde vim? para onde vou? qual é a minha causa? de que serei causa?

Ensina São Tomás de Aquino, na *Summa contra gentiles*, que o estudo do princípio da causalidade (estudo meramente racional e filosófico, independente de qualquer consideração de ordem sobrenatural ou teológica) é de si suficiente para a criatura racional chegar à certeza da existência de Deus, a primeira das causas, a *Causa causarum* dos escolásticos. Essa é precisamente uma das cinco vias de São Tomás para o conhecimento da existência de um Deus único, eterno e todo-poderoso, anterior a todas as coisas, Causa de todas elas e, por sua vez, não causado por nenhum outro ser.

Todo o relacionamento de cada homem com seus semelhantes se insere no contexto mais amplo e supremo do relacionamento dos homens com Deus, de cada homem individualmente considerado com Deus.

Em outras palavras, convém ao homem que ele se sinta integrado numa sociedade, num conjunto de homens desiguais, com funções diferentes, todos dignos e necessários, sem dúvida, todos exercendo uma função social – quer dizer, cumprindo um papel, um dever em relação ao conjunto – e todos se sentindo, por assim dizer, degraus nessa imensa escada que constitui a Criação, até seu topo, em que está o próprio Deus. Todas essas considerações filosóficas básicas, que dizem respeito diretamente ao relacionamento criatura-Criador no âmbito individual, poucas pessoas as colocam clara e explicitamente diante dos olhos. Mas elas constituem a problemática fundamental da vida de cada homem, queira ou não queira ele ver isso de frente, tenha ou não tenha ele consciência clara disso, seja ou não seja ele capaz de formular isso em termos filosóficos.

## ~ Isolamento antinatural do homem moderno

Ora, o homem atual vive forçosamente isolado, o que vale dizer violentado contra sua própria natureza.

Ainda aqui cabe distinguir espaço e tempo.

No ESPAÇO, temos hoje famílias celulares, desunidas, frágeis e instáveis, lares desfeitos; no TEMPO, vemos transformações demasiado rápidas, eliminação das tradições, rompimento conflitante e dialético com o passado, falta de convivência intrageracional, conflitos dialéticos entre as gerações, etc.

Vamos tratar muito rapidamente embora, desses vários pontos.

Em primeiro lugar falemos da crise da família.

## ~ Crise da família

Que hoje a família está em crise, é algo de tão evidente que nem precisa demonstração. Para começar, a própria noção de família já é caótica. Sem pretender fazer aqui qualquer consideração de ordem moralizadora, é preciso registrar que, por família, tradicionalmente se entendia o lar constituído em torno do matrimônio estável, sólido, com o casal, seus filhos, seus netos, seus parentes mais próximos ou menos, todos integrando de forma harmoniosa e não conflitante o conjunto familiar.

Hoje, com a facilidade com que se fazem, se desfazem e refazem casais, essa família há muito deixou de existir. Quantos problemas psicológicos modernos não terão aí origem? Como pode ser bem criada uma criança que nasce em um lar desfeito, que se acostuma a ver desde cedo brigas, confrontos, entrechoques em casa, e que por vezes nem conhece os verdadeiros pais?

Evidentemente, essa moderna crise da família – causada, sem dúvida, pelo hedonismo, pela busca desenfreada do prazer, pela fuga dos deveres inerentes à condição de quem contrai matrimônio – é um dos fatores de instabilidade nervosa e psíquica, de insegurança. Ela não pode deixar de ser considerada parte integrante de uma crise muito mais grave, de caráter religioso e moral.

## ~ Crise religiosa e moral

A crise da família está, aliás, intimamente relacionada com outra imensa crise contemporânea, no âmbito religioso e moral. No que diz respeito à Igreja Católica, basta recordar aqui algumas palavras do Papa João Paulo II:



“É necessário admitir realisticamente e com profunda e sentida sensibilidade que os cristãos hoje, em grande parte, sentem-se perdidos, confusos, perplexos e até desiludidos: foram divulgadas prodigamente idéias contrastantes com a Verdade revelada e desde sempre ensinada; foram difundidas verdadeiras e próprias heresias, no campo dogmático e moral, criando dúvidas, confusões e rebeliões; alterou-se até a Liturgia; imersos no relativismo intelectual e moral e por conseguinte no permissivismo, os cristãos são tentados pelo ateísmo, pelo agnosticismo, pelo iluminismo vagamente moralista, por um cristianismo sociológico, sem dogmas definidos e sem moral objetiva.”<sup>15</sup>

Essa crise na Igreja teve como conseqüência abalar, por força do “relativismo” de que fala João Paulo II, princípios morais durante dois mil anos considerados inabaláveis. Já não se tem clara, como outrora, a noção de bem e mal, do que é lícito e do que não o é. Como se vê, esse é mais um fator de incerteza e insegurança, a somar-se a tantos outros.

O fato é que nas várias confissões religiosas contemporâneas – com exceção do maometismo de tipo “fundamentalista” – pode-se notar a mesma tendência generalizada para o relativismo doutrinário e moral, de modo que os contornos ou fronteiras entre as diversas religiões, assim como entre o bem e o mal, são cada vez menos distintos e definidos.

Cada ideologia religiosa (e o mesmo, aliás, se poderia dizer das ideologias políticas) já não pretende mais conter toda a verdade, mas tão só um aspecto cambiável, incerto e fragmentário de uma única “verdade global”.

Quando até em matéria de fé penetra esse elemento de relativismo e incerteza – e portanto de insegurança – nada mais explicável que as pessoas se sintam desamparadas e inseguras, imersas numa imensa “crise de valores”.

---

<sup>15</sup> Discurso de 6-2-1981, de S.S. João Paulo II aos Religiosos e Sacerdotes participantes do I Congresso Nacional Italiano sobre “Missões ao Povo para os anos 80”, in *L'Osservatore Romano*, edição em português, 7-2-1981.

## ~ Hipertrofia do Estado, falta de apoio dos organismos intermediários

Ao minguamento da família correspondeu, nos últimos duzentos anos, uma crescente hipertrofia do Estado onipotente e onisciente. Sem o apoio dos organismos intermediários de sociedade – dos quais o principal é a família – é igualmente explicável que os indivíduos se sintam desamparados e inseguros.

## ~ Esboroar dos grandes mitos

Outro fator de insegurança do homem moderno: o esboroar dos mitos do século XX. Por exemplo, o mito do progresso. Durante gerações, todos creram firmemente nesse mito. Era um progresso que parecia rumar ineludivelmente numa direção certa, após ter rompido decididamente com o passado, visando a extinção da pobreza, da dor, da doença, da guerra, da morte. Talvez nenhum sintoma haja mais significativo disso como certas pessoas que, sofrendo nos anos 60 de doenças incuráveis, pagaram quantias avultadas para serem congeladas em laboratórios especiais, à espera de que, num futuro que se lhes afigurava certo, fosse descoberta a cura para suas doenças, ocasião em que seriam descongeladas, curadas e voltariam a viver confortavelmente. A imprensa noticiou, há poucos meses, que vários desses laboratórios haviam sido processados por charlatanismo e má-fé, pois continuavam a cobrar altas “taxas de manutenção” de corpos congelados que já estavam há muito tempo em irremediável estado de putrefação.

A medicina parecia rumar para um auge em que as doenças seriam definitivamente levadas de roldão. Os leitores de mais de 45 ou 50 anos certamente se recordarão de terem ouvido, quando meninos, velhos comentarem que a última das batalhas que a medicina precisava enfrentar era a do câncer. Porque, vencido o câncer, todas as outras doenças pouco mais ou menos estavam sob controle.

O câncer, vencido propriamente não foi. Mas deixou de ser, na maior parte dos casos, aquele espantinho dos anos 60. No entanto, aumentaram terrível-

mente – em última análise como consequência do progresso tecnológico – as doenças cardiovasculares; e também apareceu a AIDS, surgem agora as chamadas bactérias mutantes contra as quais – pelo menos a julgar pelo que divulga a grande imprensa – já nada podem os mais poderosos dos antibióticos.

## ~ Mediocracia, ausência de elites autênticas e de modelos humanos de referência

Cabe aqui dizer uma palavra sobre mais outro fator de insegurança e de insatisfação para o homem moderno.

De modo geral, na vida pública da maior parte das nações, ainda mesmo daquelas formalmente democráticas, o que presenciamos é um afastamento (maior ou menor, conforme a nação) dos homens bons e honestos da vida pública, com o predomínio da chamada “Lei de Gerson”, a tirania do número sobre a qualidade, o domínio da mediocridade e da desonestidade sobre a real capacidade e a retidão.

São regimes que oprimem as verdadeiras elites nacionais e instauram de fato “*mediocracias*”, ou seja, estabelecem a tirania das mediocridades.

Ora, se de algo o mundo moderno tem necessidade é de verdadeiras elites, compostas por um escol de pessoas verdadeiramente superiores – note-se, aqui, que se trata de uma superioridade sobretudo moral e cultural, muito mais do que apenas econômica ou social – que tenham autêntica noção de serviço do bem comum, que não se limitem a fruir egoisticamente seus privilégios mas cumpram, junto às demais camadas da sociedade, sua função social de exemplaridade.

Talvez surpreenda a expressão “*função social de exemplaridade*”. Na realidade, entendemos que qualquer pessoa que a algum título é superior tem, entre outras obrigações, a de dar bom exemplo aos que não têm aquela superioridade. Uma das mais graves carências de nossos contemporâneos é a de modelos humanos que, por sua exemplaridade, possam servir de paradigmas, sobretudo às gerações mais jovens.

Para não nos estendermos demasiado sobre esse ponto, limitemo-nos a transcrever breves trechos de um interessante artigo publicado há poucos anos por *The Times*, de Londres, sob o título “Pesquisa revela que americanos sofrem carência de heróis atuais”:

“Segundo um novo levantamento, os americanos, tomados pelo ceticismo e cansados dos modelos de comportamento medíocres, sofrem dramática falta de heróis nos tempos modernos. Em uma pesquisa de opinião com 1.022 americanos, conduzida pela US News and World Report, mais da metade das pessoas ouvidas não conseguiu indicar uma figura pública viva que merecesse ser chamada de herói. Um em cada seis americanos não tem nenhum herói.”<sup>16</sup>

Pode-se bem perguntar se essa ausência de elites não é um dos fatores de insegurança e instabilidade do homem moderno, e se não é também um componente importante da visão de conjunto dentro da qual devemos inserir o fenômeno da Neo-Genealogia.

## ~ Noção de final de era histórica

Outro aspecto a considerar é que por toda a parte começa a se generalizar, nestes primeiros anos do século XXI, a noção mais ou menos difusa de que estamos assistindo aos últimos estertores de uma era histórica e aos primeiros albores de uma nova.

Não se trata, aqui, de charlatanismos, de credices e temores como os que, afirma-se, tiveram grande voga na Europa quando se aproximava o fim do primeiro milênio. Trata-se de algo muito mais sério e digno de reflexão e análise.

Vale a pena ler o que sobre isso declarou há pouco mais de dez anos o Prof. Norman Stone, professor de História na Universidade de Oxford, e um dos

---

<sup>16</sup> KAY, Katty, artigo reproduzido por *O Estado de S. Paulo*, de 14-8-2001.

mais prestigiosos intelectuais do Partido Conservador inglês, com numerosos livros e estudos históricos e sociológicos publicados. Esse professor teve um papel importantíssimo durante o governo da Sra. Margaret Thatcher, e colaborou com esta na redação do livro de memórias que ela escreveu, intitulado *Os Anos de Downing Street*. É um intelectual prestigioso e sério, nem um pouco comparável a certos “futurólogos” mais ou menos charlatanescos que de vez em quando gostam de fazer declarações apocalípticas para atraírem a atenção do público sobre suas pessoas.

Declarou o Prof. Stone à imprensa italiana, mais precisamente ao jornal *Corriere della Sera*, de 28-4-1994:

“As nossas cidades estão sendo invadidas por mendigos e sem-teto. As nações se desintegram em pequenos potentados mafiosos. As leis não são mais respeitadas, enquanto se tornam moda as superstições e as pessoas se reúnem de noite nos bosques para celebrar missas negras. Grandes epidemias mortais ceifam rapidamente vidas humanas sem que ninguém saiba curá-las. E as tribos estão novamente em pé de guerra, da África à Europa. Deixemo-nos de iludir-nos com as mentiras da tecnologia e sobre o progresso científico. É como historiador que afirmo: este mundo está voltando à Idade Média. E vós, italianos, como sempre antecipais o fenômeno.”

A tese do Prof. Stone é que o Ocidente entrou numa fase de decadência sem retorno. Padece de um câncer, ao mesmo tempo moral e material, que cancelará cinco séculos de “modernidade” e que o precipitará novamente no obscurantismo da primeira Idade Média:

“A Itália sempre foi o lugar onde os grandes fenômenos históricos tomaram forma. Basta pensar no Renascimento. Ora, a nação italiana está se desintegrando, estão novamente divididos entre guelfos e gibelinos e espalhados em tantas cidades-estado, unidas apenas por uma fidelidade formal a um governo fantasma.

O mundo moderno nasceu por volta de 1500... e tinha três símbolos: a imprensa, as leis e o conceito de Estado-Nação. Todos os três estão desaparecendo hoje. A cultura escrita está sendo substituída pela visual. As pessoas não aprendem mais nos livros, mas pelos cantadores ambulantes das televisões, pelos menestréis das imagens. Quanto às leis, não são mais respeitadas, e a polícia não ousa de modo algum entrar em certas periferias degradadas. O Estado-Nação range em toda Europa. A Alemanha é um conjunto de Estados que fazem de conta que são uma entidade integrada. Colônia, Baviera ou Hamburgo são potências com as quais o governo central deve cada vez mais fazer as contas. São os 'grandes eleitores' de um imperador débil e incerto.

– E no plano europeu? – pergunta o entrevistador.

– É a mesma coisa: se o projeto de Maastricht segue em frente, criaremos o equivalente do Sacro Império romano, isto é, uma ficção jurídica onde os que comandam de verdade são os pequenos senhores regionais.

– Tudo somado, não se vive melhor hoje do que naqueles séculos?

– É outra mistificação. Hoje o Estado democrático e liberal cedeu lugar aos *network* paralelos, como os dos traficantes de droga. Vivemos numa nova floresta de Sherwood, à mercê dos bandidos. Esses piratas sem pátria lançam seus ataques e se refugiam em bases inexpugnáveis. Outrora eram pequenos portos. Hoje são os paraísos fiscais.

– Por que o Ocidente perdeu a capacidade de se defender?

– Porque não construímos a nossa riqueza, mas a recebemos como herança. Sucumbiremos face aos novos povos, talvez bárbaros, mas mais fortes e unidos.

– Quais?

– Os orientais, até não excluiria o retorno do Islã”<sup>17</sup>

Declarações análogas fez, no mesmo ano, o então Presidente da República Tcheca, Vaclav Havel:

---

<sup>17</sup> Cf. STONE: Voltaremos à Idade Média, vocês italianos por primeiro.” Entrevista a Riccardo Orizio, in *Corriere della Sera*, 28-4-1994.

“Há boas razões para pensar que a idade moderna terminou. A ciência moderna clássica só descrevia a superfície das coisas. E quanto mais dogmaticamente a ciência a tratou como única dimensão, como a essência mesma da realidade, mais enganadora se tornou.

Desfrutamos de todos os êxitos da civilização moderna, que facilitaram a nossa existência física em muitos aspectos importantes. No entanto, não sabemos exatamente o que fazer de nós, aonde acudir. O mundo da nossa experiência parece caótico e confuso. Por muito que os peritos nos expliquem todos os fenômenos do mundo, cada vez compreendemos menos a nossa própria vida. Vivemos num mundo pós-moderno, onde tudo é possível e quase nada é seguro. A civilização planetária a que todos pertencemos lança-nos desafios mundiais. Não sabemos como levá-los a cabo, porque a nossa civilização só universalizou a superfície das nossas vidas.”<sup>18</sup>

Note-se que, ao citarmos aqui esses dois pensadores, isso não significa que concordemos irrestritamente com tudo quanto dizem. Apenas os citamos para mostrar como é generalizada em nossos dias, até nos meios cultos, a noção difusa de que estamos chegando ao fim de uma era histórica – o que, evidentemente, corrobora para a insegurança do homem moderno.

Os dois depoimentos são anteriores ao atentado do 11 de setembro de 2001, que destruiu as torres gêmeas do World Trade Center – atentado que possivelmente no futuro poderá vir a ser considerado um marco histórico divisor de águas como foi, por exemplo, a queda de Constantinopla, em 1453, indicativa do fim da Idade Média. O recentíssimo atentado na estação ferroviária de Atocha, em Madri, deixou bem claro que o 11 de setembro, infelizmente, foi tão-só um prelúdio de algo maior e pior que pode estar em curso.

Tudo isso é mais um fator de insegurança para o homem moderno, a ser inserido na visão de conjunto dentro da qual se situa o fenômeno da Neo-*Genealogia*.

---

<sup>18</sup> Discurso reproduzido pelo jornal *Público*, de Lisboa, 7-8-1994.

## ~ Fatores de ordem econômica e condições trepidantes da vida moderna

Outros pontos ainda poderiam ser lembrados: as condições trepidantes da vida moderna, a criminalidade, a violência, a falta de pontos de referência seguros (por exemplo, surtos de inflação destruindo a noção do caro e do barato), a instabilidade econômica. Não nos estenderemos aqui sobre esses fatores porque são evidentes e por demais conhecidos. Todos eles fazem o homem de nosso tempo sentir-se como um animalzinho fraco, inseguro e indefeso, arrastado por forças colossais contra as quais ele nada pode e sem as proteções de cunho familiar, psicológico e religioso com as quais, no passado, ele podia contar.

## ~ Perguntas finais

Diante de tantos fatores de insegurança e mal-estar, como estranhar que ele busque, ainda que subconscientemente, algum grande antepassado mítico e arquetípico, que resuma e contenha em germe todas as virtudes e potencialidades da família? Algo à maneira do Kunta Kinte de Alex Haley ou, em termos luso-brasileiros, do Tructesindo Mendes Ramires, no qual o Gonçalo, de *A illustre Casa de Ramires*, foi encontrar a força de alma que lhe faltava?

Essa busca subconsciente de um antepassado mítico não será bem sintoma de outra orfandade do homem moderno, a que lhe provém da ausência de modelos ideais, à qual já aludimos acima? Os modelos humanos já não são os grandes homens, mas sim os que os meios de comunicação social apresentam como tais. A era dos grandes homens de verdade parece ter passado, o que é outro fator de falta de ponto de referência, de desnorteamto e insegurança, portanto.

Como estranhar que um homem como o de nosso tempo, que se sente violentamente arrancado a condições de vida que lhe são próprias e transplantado para um outro terreno que é tão contrário a sua natureza, vá procurar, ainda



que subconscientemente, em suas raízes ancestrais um elemento de segurança e de legítima e explicável auto-afirmação?



Concluimos estas já longas considerações com um breve trecho de matéria publicada no jornal parisiense *Le Point*, no qual, com aquela precisão e aquele espírito de síntese peculiares ao gênio francês, é resumido tudo quanto aqui explanamos:

“O famoso adágio da III República (*Um bom republicano não tem necessidade de antepassados*) parece esquecido dos cem mil franceses que hoje se dedicam a pesquisas genealógicas. Isso se deve ao poder exercido sobre os espíritos pelos grandes nomes da antiga aristocracia.

O mais poderoso impulso nessa direção não é a vaidade. Trata-se de uma busca de identidade pessoal que a história da família pode dar. Numa sociedade sem raízes a descoberta da própria estirpe é forte apoio psicológico ao homem moderno. A genealogia oferece aos franceses um remédio às angústias de um período de individualismo triunfante.

A família, o nome, a hereditariedade cativam cada vez mais o simples cidadão. Ele escapa assim ao anonimato moderno.”<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Gothamie, *Le Point*, Paris, 20-8-1994.



# Mito, paródia e rebelião: uma leitura de *Fronteira Natural* de Nélida Piñon

ELIANA BUENO-RIBEIRO

*A inquietante obra de Nélida Piñon apresenta, até agora, três coletâneas de contos: Tempo das Frutas (1966), Sala de Armas (1973) e O Calor das Coisas (1980).*

Esses três conjuntos têm fatura estilística diversa e caminham de uma quase completa opacidade significativa a uma maior transparência comunicativa. Assim, em *Tempo das Frutas*, a brevidade dos textos alia-se à escolha dos assuntos – em sua quase totalidade trata-se aí de seres de exceção em momentos inéditos – para criar um clima de fábula à qual é necessário, no entanto, buscar-se sempre o sentido, que não é dado de imediato. Já em *Sala de Armas* a comunicação, se ainda não é imediata, é facilitada pelas abundantes referências míticas e literárias que balizam os textos. Se o tom de narrativa exemplar se mantém na maioria dos contos, não se está mais diante da condensação verbal do livro anterior, e a maior extensão desses textos permite um mais amplo desenvolvimento dos assuntos, que versam, uma vez mais, sobre seres extraordinários em situações úni-

Eliana Bueno-Ribeiro, Doutora em Letras, professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira. Sobre Nélida Piñon publicou “Escribir en portugués en América Latina: Jorge Amado y Nélida Piñon”, in FORGUES, Roland (compilador). *Europa-América Latina al alba del tercer milenio. Miradas Cruzadas* (2001, pp. 224-229), e Posfácio a *Sala de Armas* (1990, pp. 137-142). É atualmente professora-redatora de cursos de literatura brasileira no Centre National d’Enseignement à Distance du Ministère de l’Education Nationale (França).

cas. Finalmente, em *O Calor das Coisas* têm-se, em textos também mais extensos que os do primeiro conjunto, personagens do mundo contemporâneo vivendo momentos significativos – mas não necessariamente excepcionais – e historicamente marcados.

Se a narração se faz inteiramente através de um narrador onisciente em *Tempo das Frutas*, já permite, em *Sala de Armas*, a participação do narrador intradieético. Este, num dos contos de *O Calor das Coisas*, “A sereia Ulisses”, provocará mesmo o leitor assinando-se PN, o que faz pensar numa possível queda das barreiras entre as categorias narrador/autor.<sup>1</sup> Perfaz-se dessa forma, também nesse nível, o caminho que vai do maior ao menor distanciamento entre os universos do texto e da leitura.

A multiplicidade das histórias construídas ao longo desses três livros deixa ver um certo número de temas recorrentes, que se espelham entre si e se desenvolvem uns aos outros. Tem-se assim, por exemplo, o tema fantástico (e fantástico, no sentido em que a psicanálise usa este termo) da união (im)possível de espécies diferentes e o da mutação humana, o do incesto e o da homossexualidade (“O novo reino” (SA), “Fraternidade” (TF)); o da “marca de Caim” ou da “vocação para o mal” (“Vestígios” (TF), “Sangue esclarecido” (SA)); o da rebeldia em vários níveis – civil, social, moral, existencial (“Os mistérios de El usis” (SA), “O jardim das oliveiras” (OCC)); o da liberdade desejada e o de sua busca (“Sala de Armas” (SA)). Em todos os casos tem-se o homem infrator, ora por sua a o, ora pela ina o que, nesses contos, não significa jamais fraqueza mas escolha e assun o de força. Esse homem infrator *exige, limpa, ordena, organiza*, que tais são os verbos recorrentes na gramática nelidiana.

A utiliza o sistemática de tais verbos   uma das pistas que se podem seguir para destacar a tensão fundamental dessa obra, a tensão desconstru o/constru o. Presente, em princípio, em toda obra de arte (“São quem atravessou o

---

<sup>1</sup> *Tempo das Frutas* (Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1966. Trad. franc. *Le Temps des Fruits*. trad. Violante do Canto & Yves Coleman. Paris: Edition des Femmes, 1993); *Sala de Armas* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1993); *O Calor das Coisas* (Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980). Daqui em diante estes livros serão indicados como TF, SA e OCC.

caos pode gerar a estrela”, diz Nietzsche), essa equação resolve-se, no entanto, de modo particular na obra de Nélide Piñon e, de modo também especial, em seus contos. Na verdade, dos dois termos da equação, o segundo é sempre débil, toda a força textual concentrando-se no primeiro. Assim, nas histórias que nesses livros se contam, não há reorganização (construção) do mundo destruído pelos personagens, pelas circunstâncias, pela narração. Quando ocorre, a auto-organização do protagonista implica a desvalorização de seu contexto, que só lhe interessa como cenário, palco de experiências próprias e não partilháveis. De fato, tem-se nesses contos, em vários níveis e em vários matizes, a mesma narrativa de solidão, em que toda relação interpessoal é vista como radicalmente impossível e na qual é lesiva toda tentativa nesse sentido.

É por isso que não se pode, a rigor, falar da existência de diálogos nesses textos. Entre os personagens só há monólogos e o preenchimento do silêncio pelo pastiche do lugar-comum, falas que apontam o vazio de que são feitas. Como exceções nesse campo, que se poderia qualificar como o da expressão do vazio amoroso, tem-se “Menino doente” e “Suave estação” (*TF*), que corresponderiam a uma outra dicção, distinta no conjunto das narrativas aqui em exame.

De uma maneira geral, o sentimento predominante nos três livros é o da disputa que, se por um lado possibilita a constituição das identidades que afrontam,<sup>2</sup> por outro impede que haja encontro entre elas. Mesmo num texto como “Colheita” (*SA*), que num primeiro nível aparece como a narrativa de um encontro, não se tem entrega. O riso franco não é partilhado e só existe para a solitária Romina de “A torre de Roccarosa” (*SA*), que atravessa os tempos e testemunha, de fora e implacavelmente, os esforços dos homens, deles jamais compartilhando. Através dessa personagem, que pode ser lida como metáfora da poesia e/ou do poeta, a narração parece oferecer ao leitor a única saída para a faina humana tão dolorosa quanto improfícua: a atitude irônica.

---

<sup>2</sup> “a disputa que vigora e impera antes de tudo o que é divino e humano (...) É o que possibilita ocupar na presença posição, condição e hierarquia. Nessa disposição (*Auseinandertreten*) se manifestam vácuos, distâncias e junturas.” M. Heidegger, *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 89.

(De onde viria o vazio de esperança que se vê nesses contos, vazio expresso na linguagem feérica que tanto tenta preenchê-lo quanto o sublinha? Onde estaria o núcleo do desconsolo que atravessa essas histórias e que, de uma maneira geral, as constitui? Poder-se-ia pensar que, através da narração desses múltiplos (des)encontros, a voz narradora lamentaria o fracasso da primeira relação amorosa – a que se faz entre mãe e filho? Os contos “O calor das coisas”, “A sombra da caça” (*OCC*) e “Vestígios” (*TF*) poderiam apontar nessa direção. Esses três textos destacam-se na composição dos livros de que participam, o primeiro por dar nome à coletânea de que faz parte, os dois outros por ocuparem o significativo lugar de último conto de cada livro, como a indicarem que neles se poderia buscar (como nos romances policiais) a chave para o(s) mistério(s) de sentido que se teriam enovelado até então. O desfecho de “Vestígios”, em particular, não pode deixar de ser observado por uma leitura global da obra da autora: no seu fim, os monstros assassinos choram, ao descobrirem na bolsa da menina morta o retrato da mãe...).

Se, quando apreciados tematicamente, vê-se atravessar tais textos o sentimento de erosão, este também se exprime na linguagem. Assim, já à primeira abordagem, a dicção destes contos se mostra provocadora, elaborando uma narrativa densa, que exige toda a atenção do leitor para a percepção do seu sentido. Pode-se mesmo dizer que o discurso nelidiano revela-se uma experiência sobre as possibilidades de expressão da tensão pensamento/linguagem fora da norma lingüística e que daí advém a dificuldade que oferece a seu leitor.

Nesse discurso pode-se também identificar a presença de alguns aspectos da retórica do “carnaval”, tais como a utilização de vocabulário popular no interior do uso da norma culta como em “Fraternidade” (*TF*); o uso da enumeração caótica como em “A sagrada família” (*SA*) ou o estilo grotesco<sup>3</sup> como em “O calor das coisas” e “O sorvete é um palácio” (*OCC*).

---

<sup>3</sup> Segundo a lição de Bakhtine, o estilo grotesco se estrutura através de uma determinada visão do corpo e da vida, do exagero, do hiperbólico, da quebra dos cânones e da exposição da reversibilidade do alto/baixo, centrado/descentrado.

Finalmente, é a presença do mecanismo da paródia<sup>4</sup> que melhor caracteriza a estruturação dos mais significativos textos dos três livros em questão. Através de tal procedimento perpassam os mais bem sucedidos nesses contos, narrativas advindas de lugares tão variados quanto a Bíblia em “Fraternidade” (TF), “A torre de Roccarosa” (SA) ou “O jardim das oliveiras” (OCC); a epopéia camoniana em “Adamastor” (SA); a filosofia clássica em “Fronteira natural” (SA); o repertório artístico popular brasileiro em “Disse um campônio a sua amada” (OCC); um determinado *corpus* de valores e padrões de comportamento em “I love my husband” ou “Tarzan e Beijinho” (OCC); as matrizes míticas em “Colheita” ou “Fronteira Natural” (SA). Esses textos básicos (e considera-se como texto também o conjunto de valores e padrões de comportamento vigentes a partir dos anos 60 do século XX) constituem o indispensável pano de fundo do conto nelidiano, que os relativiza sem jamais os anular. Estão, assim, sempre presentes, indicando o quanto o discurso da autora deles se serviu e o quanto deles se afastou e assinalando, dessa maneira, a tonalidade irônica desse discurso. Assim, por exemplo, a agonia de Cristo é convocada na expressão da angústia daquele que renega seus antigos valores, em “O jardim das oliveiras”, a narrativa da construção da torre de Babel não precisa ser lembrada a propósito de “A torre de Roccarosa” e a figura do gigante Adamastor está, evidentemente, no horizonte de leitura de “Adamastor”. Do mesmo modo, “Colheita” exige para sua leitura o diálogo – irônico – com o episódio

---

<sup>4</sup> Utiliza-se o termo « paródia » no seu sentido mais geral de « contracanto », texto que emprega um outro texto, modificando-o de maneira a dar-lhe uma intenção oposta à que tinha anteriormente e implicando-o sempre. Na paródia, percebem-se duas vozes que mantêm a mesma fala com sentidos antagônicos. O discurso parodístico apresenta uma analogia com o discurso irônico e com qualquer discurso empregado com duplo sentido. Essa conceituação do termo afasta-se da defendida por Gérard Genette (*Palimpsestes, la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982), de quem, evidentemente, toma-se o conceito de obra a ser lida num segundo nível de leitura.

Por outro lado, é preciso assinalar que a reflexão sobre a obra de Nélide Piñon aqui desenvolvida muito deve aos trabalhos de Fausto Cunha e de, principalmente, Diva Vasconcellos da Rocha (*Discurso Literário: Seu Espaço*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975; « A Carnavalização no espaço da narrativa brasileira: *O Alienista, A Barca dos Homens, Tebas do Meu Coração* ». Conferência apresentada no I.º Congresso de Estudos de Lingüística e Literatura da SUAM, em 5 de janeiro de 1976. Mimeo.).

do retorno de Ulisses a sua cidade, pois na nova Ítaca espera o viajante não uma fiel Penélope mas a mulher que, como Demeter/Ceres, a deusa da sementeira, tem a personalidade a um tempo propiciadora e terrível e pode tanto fazer medrar quanto gelar a sementeira.<sup>5</sup>



O conto “Fronteira Natural” (SA) pode ser considerado como exemplar na ficção curta de Nélide Piñon. Além de ser uma de suas narrativas mais bem resolvidas, apresenta um grande número das características temáticas e formais até aqui apontadas como marcas nelidianas. Além disso, sua leitura pode mesmo fornecer a perspectiva para a compreensão de todo o conjunto de contos. Vai-se por isso analisar tal texto visando-se a ilustrar o que até então se disse. Para tanto, talvez seja útil começar-se por um resumo de seu enredo.

Tem-se, pois, uma aldeia situada na fronteira do inferno, aldeia que via seus melhores jovens serem atraídos para a estranha vizinhança. Os que retornavam vinham loucos, falando cada qual uma língua própria, incomunicáveis, mesmo entre eles. Tornavam-se então também inaptos para o trabalho, mantendo os olhos perdidos em pontos obscuros, parecendo nostálgicos de um mundo que a aldeia passa, conseqüentemente, a julgar mais rico. Havia um louco em cada família e todos os exibiam em varandas construídas expressamente para esse fim.

Ao completar vinte anos, o mais belo e mais amado jovem da aldeia resolveu, para desgosto de todos, também fazer a travessia. Passado o prazo dentro do qual voltavam os que voltavam, os aldeões foram tomados pelo medo do inferno e pelo desejo de saber o que ocorria além de sua fronteira. O tempo toma então, para eles, um verdadeiro significado, já que passam a distinguir uma época feliz – anterior à chegada do inferno às proximidades – daquela que então viviam,

---

<sup>5</sup> A propósito desse conto não se pode ignorar ainda que o termo “colheita” remete, também tradicionalmente, à idéia de ajuste de contas, de juízo final (uma das mais conhecidas alegorias da morte apresenta o esqueleto com a foice da colheita nas mãos). Assim, diz-se correntemente que se colhe o que se plantou. Se se coordenam, portanto, as referências em jogo no conto, pode-se ver nele uma Penélope que diria a Ulisses recém-chegado que «quem semeia ventos colhe tempestades...»



plena de sobressaltos. Quando já não era mais esperado, o jovem regressou, seguramente mais belo do que quando partira. Voltou mudado. Alheio a todos da aldeia, não se mostrava, no entanto, nem indefeso nem improdutivo como os demais egressos da região infernal. Antes, dele parecia emanar um poder novo, além de seu olhar refletir um certo desdém pelo que o envolvia. Recusou o ritual da varanda e tornou-se centro das atenções e parâmetro da aldeia. Não praticava a expressão particularizante dos demais egressos, mas também não se comunicava com os demais aldeãos, guardando silêncio.

Por intermédio do jovem, os habitantes da aldeia foram então definitivamente tocados pela magia advinda do inferno. Começaram a comparar-se com o recém-chegado, considerando-se em desvantagem, e começaram a perder a capacidade de comunicação. Decidiram-se, afinal, a se igualar a ele efetivando também a travessia que os atraía. Coletivamente puseram-se em marcha rumo à fronteira. Acharam-na, entretanto, fechada por pesada porta que resistiu a seus esforços por destruí-la. Nela havia um pequena inscrição comunicando apenas a transferência do inferno, sem que fosse indicada sua nova localização.

Como se pode ver inicialmente, este conto, cujo tom leva à imediata associação com os mitos clássicos, estrutura-se em torno de três elementos, a saber: o jovem herói, o inferno e a viagem, elementos carregados de sentido na tradição narrativa. Esta análise buscará então, num primeiro momento, evidenciar as significações que tais figuras têm, tradicionalmente, e o desvio que sofrem neste texto. Em seguida, vai-se observar a tensão entre os dois movimentos diferentes efetuados, respectivamente, pelo jovem herói e pelo restante da aldeia. Finalmente, explicitadas as figuras e os movimentos de estruturação da narrativa, buscar-se-á mostrar como tais elementos composicionais evocam, em seu conjunto, um mito dos mais conhecidos, mas que, longe de atualizá-lo, o parodiavam. Ao final da leitura, portanto, o tom da narração, que parece de início grave e solene, revelar-se-á irônico e o leitor reconhecerá a necessidade de refazer mentalmente todo o processo narrativo de modo a apreender seu sentido. Começar-se-á, portanto, pela análise dos elementos estruturadores do conto, isto é, o herói, o inferno, a viagem.

## I – O herói

Nos mitos primitivos gregos,<sup>6</sup> o herói é um ser de exceção, meio homem meio animal, dotado de força extraordinária, ou ainda um ser humano capaz de ultrapassar os limites dos homens ordinários. Sua existência é destinada a uma busca. Seja ele mágico, profeta ou guerreiro, o herói mitológico apresenta as seguintes características: manifesta-se graças a uma força procriadora miraculosa (um sopro de vento, por exemplo); vive uma infância fora do comum; apresenta-se como dotado de poderes extraordinários; tem um papel a desempenhar (salvar o universo ou a humanidade); e para tanto deve submeter-se a provas (e a descida aos infernos é uma das mais comuns); dá-se então a viagem e para o retorno o herói conta, freqüentemente, com auxílios extraordinários; finalmente recebe ele a recompensa de seus esforços, recompensa da qual o ponto máximo é a divinização.

Pode-se observar que o herói do conto em tela possui várias das características aqui apontadas. Trata-se de um ser de exceção, belo e de “*esplêndida pureza, o mais amado da aldeia*”, tendo-se devotado a uma vida simples e reflexiva, pois que, “*mais que desvendar terras, buscava a consciência no casulo, os meandros iniciais*”. O conto deixa claro que ele tinha uma missão a cumprir, à medida que anuncia que “*Tornara-se o inferno sua mais intensa vinculação com a terra. Porém a verdade mais afastada. Sua vocação presumível*” e que tinha ele consciência da importância dessa missão. É assim que diz também que, antes da viagem, considerara que a aventura que se preparava para empreender ultrapassaria “*sua dosagem de herói*”. A caminhada que faz com seu pai pela aldeia antes da partida, como a tentar apreendê-la na memória; o farnel de pão e vinho que leva; a hora em que finalmente parte – meio-dia, plena luz; o olhar que lança aos mais antigos antes de deixá-los; a decisão de ir-se sem palavras – todos esses traços caracterizam a vi-

---

<sup>6</sup> As referências míticas utilizadas neste texto devem-se às fontes seguintes: P. Commelin. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Technoprint, 1967 (sem ind. ed. orig.); Edith Hamilton. *La Mythologie*. Trad. Abeth de Beughem Marabout, 1978 (1.<sup>a</sup> ed., 1940); Nadia Julien. *Grand Dictionnaire des Symboles et des Mythes*. Allleur (Belgique), Marabout, 1977.

agem do ser de exceção que, sem olhar para trás, atravessa a porta do inferno “*garboso e solitário (...) como se montasse animal de raça ...*”.

Assim, a composição deste herói conta com a evocação que provoca no leitor não só do herói mítico clássico mas também, acessoriamente, de algumas figuras bíblicas. Dentre estas podem-se citar Lot, o que abandona a cidade sem olhar para trás e, evidentemente, Cristo, o que abandona a família por sua missão e é imediatamente lembrado sob as espécies do pão e do vinho. Como os heróis clássicos e como Cristo, ele ressurgirá do inferno após não mais ser esperado, mas a partir daí não terá mais uma existência ordinária. Como os heróis clássicos e como Cristo, levará a partir de então uma existência gloriosa, acima da compreensão dos mortais. No entanto, enquanto seus modelos (sobretudo os bíblicos) cultuam a convivência e fazem discípulos, o herói nelidiano furta-se a qualquer comunicação e inspira inveja e não amor. Contrariamente ainda a seus modelos, seu caminho não pode mesmo ser seguido, toda tentativa nesse sentido constituindo-se um fracasso.

## 2 – O inferno

O inferno é tradicionalmente associado à obscuridade e à origem, e ainda que haja desse espaço uma pluralidade de concepções, ele é, geralmente, imaginado como um lugar subterrâneo (lat. *infernu*), misterioso e amedrontador, onde as almas dos mortos sofreriam o castigo dos malefícios cometidos na terra. No entanto, nas mitologias grega e latina, é também apresentado como o reino de Hades/Plutão, entidade representada com o corne da abundância na mão. Também na tradição órfica, Plutão é apresentado ambivalentemente como doador de vida e como destruidor, reinando tanto sobre a criação e a conservação quanto sobre a desintegração, tanto sobre os vivos quanto sobre os mortos.

A *Iliada* apresenta o inferno como localizado sob a terra e a *Odisséia* indica que o caminho que conduz a ele passa pelos confins da terra e atravessa o oceano. De qualquer maneira, em Homero este é um mundo vazio, habitado por

sombras. Virgílio o considerará como o império dos mortos, onde os maus são punidos e os justos recompensados. Segundo ele, chega-se ao inferno por um caminho que leva à confluência do rio da aflição com o rio do gemidos. É lá que Caronte faz passar as almas dos mortos à outra margem, onde está a porta que leva ao Tártaro, nome que o poeta dá a esse império. Postado à porta do inferno está Cérbero, o cão de três cabeças e cauda de dragão, que permite a entrada de todas as almas mas jamais sua saída. Essa região separa-se ainda do restante da terra por três outros rios: o rio do fogo, o dos juramentos irrevogáveis e o do esquecimento. Em lugar impreciso da região infernal eleva-se o palácio de Plutão, rei das riquezas e dos metais preciosos – palácio que teria múltiplas portas e inúmeros aposentos.

Como o texto em análise põe em relevo “*a porta do inferno*”, não se pode deixar também de lembrar a tradição ligada à simbologia da porta. Esta é associada à transição, à metamorfose e a provas de iniciação. Assim, ao transpor certos umbrais, o herói abandona velhos conceitos e seu horizonte se alarga. A porta é, finalmente, o símbolo da comunicação. Aberta, ela convida a novos descobrimentos; fechada, significa a exclusão. E como se invertesse o sentido da porta do inferno dantesco, a porta nelidiana exclui aqueles que são por ela impedidos de entrar no espaço infernal.<sup>7</sup>

Em “Fronteira Natural” a caracterização do inferno apóia-se na idéia de pujança, idéia presente, como se viu, numa parte de sua tradição. O inferno é, dessa forma, o reino atraente, de onde emana um perfume misterioso, o reino do “mais”. No entanto, o sentido de “lugar de purgação de culpas”, por ser o mais comumente associado ao espaço infernal, não pode ser obliterado. Fica, de fato, em latência, num diálogo, irônico, com o sentido privilegiado no texto. Dessa forma, a leitura não pode deixar de registrar que o herói parte para um reino possivelmente mais rico mas que poderia ser

---

<sup>7</sup> « Per me sì va ne la città dolente, / per me sì va ne l'eterno dolore, / per me sì va tra la perduta gente. / Giustizia mosse il mio alto fattore: / fecemi la divina potestate, / la somma sapienza e 'l primo amore. / Dinanzi a me non fuor cose create / se non etterne, e io eterno duro. / Lasciate ogni speranza, voi ch'intrate ». DANTE. *Divina Commedia*. Inferno. Canto III, I-9.

também o lugar do sofrimento. Também a localização subterrânea do inferno é abandonada no conto, mantendo-se porém no horizonte da leitura e fazendo realçar a indicação de sua mera vizinhança com a aldeia, localização que, se aparentemente o banaliza, na verdade torna ainda mais problemática sua concepção.

Um outro traço distingue a descrição do inferno deste conto da tradição sobre essa região mítica: sua luminosidade. De fato, se na tradição o império de Hades é descrito como sombrio, aqui ele aparece como uma “*região de clareza insuportável*”.<sup>8</sup> Observe-se que neste conto os egressos de tal país são considerados “*iluminados*” (e observe-se o sentido passivo do adjetivo), e o movimento eficaz na direção desse reino dever-se-ia fazer sob a luz do sol. Assim, o herói parte para o inferno ao meio-dia e de lá advém igualmente “*numa severa manhã de sol*”. Contrariamente, o texto indica que “*chovia*” quando a aldeia inicia sua viagem sem sucesso rumo ao reino misterioso.

Ora, a luz do sol é tradicionalmente associada ao conhecimento. Assim, uma das concepções cristãs do inferno considera-o como um espaço de lucidez total, de plena compreensão, que propiciaria o arrependimento eterno dos supliciados então completamente conscientes de seus atos. Por outro lado, a iluminação associa-se à iniciação, ao poder criador. Neste conto tem-se ambos os sentidos associados ao inferno,<sup>9</sup> o que provoca naturalmente a dupla leitura, irônica. Finalmente, deve-se sublinhar que o conto não dá detalhes quanto a esse reino, contentando-se com as referências a sua vizinhança da aldeia e a sua posterior mudança. Esta, por sua vez, aludindo à mobilidade de uma região que, em todas as concepções espaciais, fora até então considerada como fixa, possibilita que se leia o conto metaforicamente. Desse modo, aldeia e inferno

---

<sup>8</sup> Embora, contraditoriamente, na p. 2 o texto fale também das « trevas do inferno ».

<sup>9</sup> É verdade que se poderia talvez pensar na dimensão destrutiva preservada em alguns mitos relacionados com o sol (o sol dos mortos, o sol negro ou os deuses solares de rosto negro, como Osíris ou Hades, que se relacionam com a morte). Não parece ser esta, no entanto, uma referência eficaz para a leitura deste texto, uma vez que seria necessário, então, considerar a chuva como um elemento positivo, o que, claramente, o texto não aceita.

podem ser vistos como imagens, respectivamente, dos reinos do ordinário e do extraordinário, da norma e da diferença, sendo o segundo termo dessas equações sempre mais rico, porque plural.

### 3 – A viagem

A viagem dos heróis mitológicos representa para o herói o chamado do destino, sua transferência a outro centro de gravidade, de seu meio a uma zona desconhecida, repleta de perigos e de tesouros: país longínquo, reino subterrâneo ou celeste, floresta, ilha perdida, montanha.

Simbolicamente, a viagem representa o recolhimento do homem em busca do seu eu profundo, caminho difícil, cujo destino é a aquisição da serenidade. A viagem torna-se, assim, a busca da individuação, que se constitui no próprio movimento de sua busca (“*Caminbante, não há caminho! O caminho se faz ao caminhar*”, diz Antonio Machado). É, portanto, na viagem rumo a si mesmo que o homem descobre suas forças interiores, vistas como riquezas ocultas. É também nesse momento que ele se desembaraça de tudo o que inibia o seu desenvolvimento e a realização de seus poderes.

A viagem mítica pode ser dividida em três fases: na primeira, o herói recebe o apelo à viagem, o apelo do longínquo, do profundo ou do interdito; na segunda, ele experimenta a angústia inseparável do movimento de lançar-se ao desconhecido; a terceira fase corresponde, enfim, ao enfrentamento e à superação dos obstáculos. Pode-se observar que, contrariamente aos temas do herói e do inferno, a viagem do herói nelidiano segue, no geral, a narrativa tradicional. Corresponde, assim, a um apelo do desconhecido que visa a propiciar ao personagem o encontro de seu verdadeiro eu e o descobrimento de suas forças interiores, desembaraçando-se ele de tudo o que até então o inibia. As três fases em que se divide o modelo mítico aí podem ser também, de certo modo, percebidas. De fato, há o apelo do inferno e a angústia do jovem, anterior a sua partida. Dos obstáculos encontrados pelo viajante na região infernal, no entanto, só se sabe indiretamente, pela

referência aos que de lá jamais voltaram e aos que voltaram “loucos”. Pode-se finalmente dizer que a observância geral deste conto ao modelo tradicional de desenvolvimento do tema da viagem realça, por contraste, as diferenças que apresenta quanto ao modelo tradicional de desenvolvimento dos temas do herói e do inferno.

Analisados os elementos nucleares do conto, é preciso observar que os mesmos surgem na composição textual em relação com o que se poderia chamar de quarto elemento narrativo – o restante da aldeia –, elemento sem o qual a história não funciona. Na verdade, o texto se estrutura através do cruzamento de dois movimentos, o primeiro levado a cabo, o segundo fracassado. O primeiro é relativo ao jovem herói, que vence a proibição implícita da travessia, efetuando a viagem ao inferno e dele voltando sem marcas dos males anteriormente inflingidos aos demais viajantes, os chamados “egressos”. O segundo diz respeito ao conjunto da aldeia que, apesar de ter-se decidido a invadir o território contíguo porém estranho, é obrigado a manter-se no espaço do conhecido.

De fato, tem-se no texto o relato de uma eleição mas, ao contrário das histórias tradicionais, essa eleição não tem serventia comunitária, não visa à integração do herói à aldeia nem à reunião de seus habitantes. Ao contrário, se no conto o herói, de volta ao lar, se torna “Senhor do arado e da sementes” e se “os animais se tranqüilizavam a seu lado...”, ele também “ignorava pai, mãe e reuniões dos mortais” e “vivia no silêncio”. Esse herói não se torna rei nem filósofo nem líder e faz-se signo da inquietude, catalisando o desejo de interdito que existe em cada homem. Provoca, enfim, apenas dissensão, pois a demanda de esclarecimento que sua presença produz é destinada ao fracasso. Com efeito, esta bem poderia ser caracterizada como a narrativa de uma exclusão coletiva, em que se parodiaría o texto bíblico sustentando-se que, ao reino do extraordinário, todos são chamados mas são poucos os escolhidos.

Na rede de ecos, de contrastes e de aproximações em que se constitui, afinal, o sistema literário, esta narrativa traz à cena da leitura um outro texto (dentre muitos outros...) que ocupa posição central nesse sistema. Tra-

ta-se do mito da caverna.<sup>10</sup> Tem-se, nos dois textos, a situação inicial de limitação – a caverna, a aldeia. Tanto numa como noutra narrativas, a fuga do mundo conhecido é, em princípio, impossível. Tem-se, em ambos os casos, a partida ao exterior de um dos elementos. Tem-se também sua volta à situação inicial, o viajante não se reconhecendo mais como participante de sua antiga comunidade, que também o marca como diferente. Num e noutra textos o viajante acede a um mundo mais rico, distinguindo-se assim, à sua volta, de seus antigos companheiros.

Há, no entanto, diferenças essenciais na narrativa nelidiana quanto ao mito grego, diferenças que, como se procurou dizer até agora, implicam o modelo.

Em primeiro lugar, é necessário sublinhar-se a inversão alto/baixo operada no conto, pois o inferno nelidiano corresponde, não à caverna platônica mas, ao contrário, à região da plenitude de sentidos (“*região de clareza insuportável*”). Em seguida tem-se de observar que o movimento ascendente/descendente do texto-modelo (que se vê como modelo) é substituído por um movimento lateral: o inferno nelidiano não respeita a etimologia e situa-se ao lado da aldeia ordinária, do lugar da norma. Não se trata mais de ascensão ou de queda, mas de diferença, que resultará em marca de valor. Quanto à viagem empreendida pelos personagens de uma e ou-

---

<sup>10</sup> Ter-se-ia neste caso mito ou alegoria? Geneviève Droz (*Les Mythes platoniciens*, Paris: Ed. du Seuil, 1992), apresenta a distinção de Perceval Frutiger (*Les Mythes de Platon*. Alcan, 1930), entre mito e alegoria nos seguintes termos: o mito conta uma história; a alegoria, « imóvel como um quadro », descreve um estado; o mito apresenta personagens individualizadas situadas no espaço e no tempo; a alegoria, de caráter mais geral, apresenta tipos humanos; o mito tem uma significação implícita; a alegoria, uma significação explícita, voluntariamente explicitada pelo autor, que dá sua chave, pondo, lado a lado, a idéia abstrata e seu signo oculto. A partir de tal argumentação, Frutiger não classifica a narrativa da caverna como mito mas como alegoria, sublinhando que sua significação, em lugar de ficar implícita, é largamente, imagem após imagem, explicitada por Platão: não será o caso, portanto, de assimilá-la a mitos”. Geneviève Droz recusa esta conclusão de Frutiger. Concordando, no entanto, com a argumentação desse autor, ela admite que, de fato, há alegoria no texto em questão, propondo assim que, no caso, sejam integrados os dois conceitos, o de mito e o de alegoria. É que, de fato, diz ela, não se trata aí de uma simples comparação, nem de uma imagem, nem mesmo de uma analogia. Pelo contrário, tem-se aí uma narrativa simbólica, com múltiplas peripécias, rica de possibilidades de leitura e com níveis de interpretação diversos, continua. E propõe, finalmente, que esse texto seja caracterizado como « mito alegórico ».



tra narrativas, mesmo se Platão afirma que todos têm a capacidade de ascese,<sup>11</sup> no mito da caverna o prisioneiro deve ser forçado a elevar o corpo, a voltar a cabeça e a caminhar em direção à luz, enquanto no conto os jovens são *atraídos* pela região proibida e o herói “*simplesmente soube, incommunicável*” a hora em que se devia dar sua partida. Também o sol, símbolo da verdade no mito platônico, opondo-se à obscuridade da caverna, brilha no conto contemporâneo tanto na aldeia quanto no inferno, como a indicar a possibilidade de ser a verdade dupla. Finalmente, a viagem é, no conto, empreendida em solidão, havendo os que nela perecem e os que são por ela realmente afetados, sem que haja a possibilidade da ajuda, da intermediação que se mostra possível no texto grego.<sup>12</sup>

Por outro lado, concorda o conto com o mito platônico no que concerne às condições em que voltam tanto o prisioneiro à caverna quanto o jovem à aldeia. Tanto um quanto outro não mais se interessam pela convivência com seus companheiros. Platão considera mesmo natural que aqueles que se elevaram não queiram mais ocupar-se das coisas humanas;<sup>13</sup> Né-lida faz seu personagem exceder em tudo a seus antigos companheiros, mas guardando sempre silêncio.

Todos esses desvios (que, repete-se, convocam o modelo justamente para se legitimarem) convergem para a principal diferença construída no conto com relação ao texto platônico. Refere-se tal diferença ao papel desempenhado pelo viajante em sua comunidade. O mito da caverna, como as demais narrativas tradicionais de viagem de heróis, preconiza que a ascese individual venha a

<sup>11</sup> “L’éducation est donc l’art qui se propose ce but, la conversion de l’âme, et qui recherche les moyens les plus aisés et les plus efficaces de l’opérer; elle ne consiste pas à donner la vue à l’organe de l’âme, puisqu’il l’a déjà; mais comme il est mal tourné et ne regarde pas où il faudrait, elle s’efforce de l’amener dans la bonne direction.” (Platon. *La République*. Intr., trad. et notes par Robert Baccou. Paris: GF Flammarion, 1966, p. 277) (Paris: Garnier-Frères, 1966.)

<sup>12</sup> “Qu’on détache l’un de ces prisonniers, qu’on le force à se dresser immédiatement, à tourner le cou, à marcher, à lever les yeux vers la lumière (...).” (Idem, p. 274.)

<sup>13</sup> “...et ne t’étonne pas que ceux qui se sont élevés à ces hauteurs ne veuillent plus s’occuper des affaires humaines, et que leurs âmes aspirent sans cesse à demeurer là-haut. Cela est bien naturel, si notre allégorie est exacte.” (Idem, p. 276.)

produzir um proveito coletivo. Nesse mito a subida do herói rumo à luz se faz com a ajuda (ou sob as ordens) de outros já esclarecidos e insere-se portanto na cadeia educativa que visa, por sua vez, à construção da cidade ideal. O mito da caverna pressuporia assim a possibilidade, mais ou menos remota, da ascensão, em maior ou menor grau, de todos. Constitui-se desse modo uma narrativa integrativa, de inclusão. Segundo ela, a busca pessoal, de individuação não pode deixar de ser solidária com o dever comunitário e esta seria mesmo uma das mensagens fundamentais do platonismo.

Nada mais estranho a “Fronteira Natural”. Este texto, a partir de seu título, propõe o reconhecimento de certos homens como diferentes de tal maneira que não haveria entre eles e os que os rodeiam nenhuma possibilidade de linguagem, a comunicação sendo impossível. Nada mais estranho ao rei-filósofo platônico que este jovem herói, e no entanto sua história de recusa radical do ordinário pelo silêncio, não aceitando nem mesmo uma linguagem fronteira, só pode ser de fato lida a partir do horizonte da pedagogia platônica. Se Sócrates exige que o iluminado volte à caverna e divida com os que lá ficaram sua vida miserável a fim de poder elevá-los, o narrador nelidiano narra para convencer seu leitor de que, vizinhos embora, os reinos do ordinário e do extraordinário, da norma e do desvio, não podem de fato conviver: entre eles a fronteira é natural.

Inquietação – talvez esta seja mesmo a melhor palavra para caracterizar o sentimento que permanece à (re)leitura dos textos de Nélide, revisitados todos pela memória ao fim deste conto. De fato, após a análise de “Fronteira Natural”, poder-se-ia bem afirmar que o tema central da narrativa curta nelidiana é o da *dissentio* necessária. Numa época em que por todos os meios e forças se impõe a unidade e na qual *consensus* é palavra-fetichê, não é preciso sublinhar a estranheza e a atração que provocam esses contos. Através de sua linguagem tensa, articulada sobre outras falas, caracterizam-se como parte da categoria de textos que cobriam como leitor o leitor de outros textos. A este, seduzido, fazem perder-se, no labirinto que estabelecem entre vozes já anteriormente ouvidas, vozes que ganham, então, um novo e perturbador sentido. Textos-palimpsestos, o prazer que sua leitura provoca advém do trabalho que exigem do leitor para a (re)construção de seu sentido. A contrapelo.

# Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2005

O Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2005, da Academia Brasileira de Letras, foi entregue ao jornalista e escritor pernambucano José Nêumanne Pinto, escolhido, por unanimidade, pelo seu livro *O Silêncio do Delator*. José Nêumanne Pinto foi saudado pelo acadêmico e seu conterrâneo Marcos Vinícios Vilaça, ministro do Tribunal de Contas da União (TCU). O Prêmio foi instituído na presidência do Acadêmico Josué Montello em 1994 e é entregue anualmente a uma obra de caráter relevante para a cultura nacional.

Sessão realizada no Salão Nobre da ABL, no dia 25 de agosto de 2005.

## ~ Discurso de José Nêumanne Pinto

A primeira coisa que me ocorre lhes dizer, amigas e amigos meus, cuja presença aqui me prestigia e desvanece, o primeiro verso de um soneto – o único poema que sei de cor. E nem meu é! Mas, se querem saber, é como se fosse, tantos anos o tenho repetido, tantas vezes dele me tenho lembrado e tantas noites são aquelas em que ele tem percutido dentro de minha cabeça como um mantra, a oração escandida por um anjo. “Meu coração tem catedrais imensas.” É isso mesmo: a abertura de “Vandalismo”, de Augusto dos Anjos, nascido na Paraíba como eu e morto em Minas, como tantos ancestrais de muitos dos que aqui pacientemente me escutam. Este verso me encanta pelo ritmo das sílabas, pela música da linguagem, pela força da imagem. É grandioso e é singelo, ao mesmo tempo, como devem ser as obras-primas: sólido e delicado, másculo e meigo, etéreo e prático.

Muitos podem ser os motivos para que com ele abra este agradecimento feito na condição que ainda me espanta de autor do romance *O Silêncio do Delator*, laureado pelos membros desta Casa, que Machado de Assis, do Cosme Velho, e Joaquim Nabuco, de Massangana, fundaram e cujo espírito todos os acadêmicos presentes e ausentes têm renovado, em benefício da cultura nacional, em seu ameno e profícuo convívio em torno da mesa de chá. Mas gostaria de destacar uma só, a mais simples, a mais direta, a mais prosaica de todas: a correspondência com o sentimento de humildade e reconhecimento, de gratidão e despojamento com que aqui venho me investir desta honraria, a maior que poderia ser dada a um imodesto operário da língua, seu súdito vaidoso, embora nem por isso infiel. Pois reivindico minha condição de fiel para lhes garantir que me dirijo a cada um dos acadêmicos e convidados aqui presentes com a humildade de um peregrino em Meca, o ânimo caridoso do soldado romano que umedeceu os lábios secos de Jesus na cruz e o estoicismo de Gandhi e Martin Luther King acolhendo as balas que lhes ceifaram a vida. Entro nesta sala tirando os sapatos para me sentar à mesa, à moda japonesa. Como um romeiro sobe as escadas de pedra de Monte Santo, perto de Canudos, no sertão

da Bahia, lacerando as rótulas. Sou um cruzado da palavra, um guerreiro do vernáculo e venho aqui para convocá-los à luta, luta renhida, heterônimo da vida no canto do guerreiro indígena do poema de Gonçalves Dias.

O brilho dos lustres deste Salão Nobre lembra o dos pirilampos que, na noite escura do sertão de minha infância, se embriagavam com o ritmo marinho dos versos do poeta baiano Antônio Frederico de Castro Alves, ditos de cor por minha mãe, Mundica Ferreira Pinto, que aqui se encontra – e para cá veio para que nunca me esqueça de que o vernáculo em que se lavra a poesia não é o dialeto pátrio, mas, sim, a língua materna. Lembro-me também de que chorei por minha profana ignorância e pelo tropeço inesperado no óbvio quando ouvi os versos do português Joaquim Maria Du Bocage [...] num filme do brasileiro Djalma Limonge Batista, encontrando neles o mesmo ritmo do mar da Bahia e de Goa, onde o caolho Luís Vaz se banhava. E me recordo ainda da fé religiosa no verbo original que me foi incutida no colégio pelas professoras Maria Argentina Brasileiro e Francisca Neuma Fachine Borges. Encantei-me com a amargura do seleiro José Amaro, inventado por José Lins do Rego, e me apaixonei pelos olhos claros da sertaneja Soledade, criada por José Américo de Almeida, de cuja amizade privei. Li-os à chama da lamparina queimando querosene e à custa de uma miopia galopante que me acompanha desde a tenra infância, de cujas noites vultos e letras surgiam mais nítidos do que quando era dia e, então, o sol do semi-árido lhes torrava os contornos, ofuscando-me a retina.

Venho de muito longe e da aldeia onde nasci trago notícia da preciosidade desta língua cuja sobrevivência em liberdade decente nos cabe a todos assegurar. E é este o requerimento que aqui subscrevo. Valho-me desta ocasião única para fazer um apelo: não deixemos esta nossa língua portuguesa morrer! Jamais permitamos que o idioma que as minas de Itabira forjaram no *gauche* Carlos e que as mocinhas de Évora usavam para encantar o “foca” Eça de Queirós se dissolva na lama pútrida das sarjetas da mentira e da corrupção impunes. Que mais lhes poderia pedir eu, devedor de sua graça e escravo de sua mercê, que não fosse isso, minhas senhoras, meus senhores, amigas e amigos? Peço-lhes nada mais que isto, pois: que usem ainda mais e sempre que lhes for possível a

ingente relevância da Instituição que são. E, assim, munidos da força da credibilidade desta organização, que se impõe acima dos poderes da República e além dos caprichos do mercado, possam evitar que uns e outros desavisados roubem do povo o que ainda lhe resta de dignidade e nobreza: a possibilidade de serem os cidadãos brasileiros justos e solidários, comunicando-se em frases simples, diretas e verdadeiras. A Academia Brasileira de Letras paira sobre a areia movediça moral em que afunda o País oficial com a autoridade moral da obra real de cada um dos acadêmicos, vivos e mortos. E somente a autoridade moral de uma associação como esta, que honra seus membros e por estes é honrada, poderá restaurar a confiança dos tempos em que à palavra dada correspondia fiança de alta valia e um fio de bigode bastava como aval.

Muito esta Casa, que ora acolhe este trabalhador da notícia e garimpeiro da verdade na mentira da ficção, ainda pode – e deve – fazer para impedir que o massacre cotidiano na boa-fé da palavra empenhada, seja pelas mentiras deslavadas pregadas nas comissões parlamentares de inquérito ou pela mistificação desembestada da ilusão publicitária, seja pelo emprego desregrado do gerúndio ou pela adoção de barbarismos em nome de um falso populismo, no fundo elitista, possa instalar no lugar de uma civilização que um dia foi letrada uma estúpida algaravia de bárbaros. Quem sabe, alguns dos nobres guardiães dos tesouros espirituais amealhados nas pensões de Porto Alegre ou nos *bas fonds* do Recife Velho poderão me recriminar pela ousadia deste pedido. Peço-lhes vênias, e mais um tempinho de atenção, antes de logo, prometo, concluir.

*O Silêncio do Delator*, que mereceu a honra desta premiação, é um projeto literário no qual reuni todos os valores que aqui venho defender. Relato dos malogros e êxitos de minha geração, este romance não faz nenhuma concessão a modismos ideológicos ou mercadológicos. Ao contrário: elaborado ao longo de vinte anos, seu texto aborda com franqueza, mas também com verve e leveza, a experiência de vida e reflete a visão do autor, sem autocomiseração nem leniência com as facilidades exibidas na feira de vaidades de nossa sociedade de massas e consumo.

Este prêmio, que meu livro ganhou, leva o nome de um José como eu, também nordestino – o Senador José Ermírio de Moraes nasceu em Nazaré da

Mata, Pernambuco. Ele dá um exemplo fecundo, porque provém de uma empresa produtiva, que acumula a fortuna na persistência do trabalho, e não no perfume enganoso da usura aventureira. Que sirva agora também de pretexto e ponto de partida para que esta Casa seja cada vez mais e sempre a trincheira de uma luta sem tréguas contra a mentira oportunista, a falsificação comercial e o vilipêndio da língua materna pelos mercadores do óbvio nas facilidades do consumismo comodista. Bastará esta luz, emanada dos becos imortalizados por Manuel Bandeira e das conversas de tropeiros reproduzidas no registro inovador do doutor Joca, lá de Cordisburgo, norte de Minas (portanto, também Nordeste, pois não?), para que as trevas da barbárie que nos ameaçam se dissipem no brilho do legado ético de Celso Furtado e Rachel de Queiroz, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos. Legado ético de que me orgulho ter recebido de meu pai, José de Anchieta Pinto, honrado servidor público, no total e verdadeiro significado destes vocábulos.

Eu sei, e vocês sabem, que não será nada fácil resgatar o dialeto em que se comunicavam os “bambas” da sinuca de João Antônio. Este idioma em que Maneco Antônio de Almeida narrou as malandragens de Leonardo Pataca nas ruas já então sujas e ruidosas da Corte Imperial do Rio de Janeiro. E o bruxo do Cosme Velho bordou as sutilezas do ciúme de Bentinho. Esta língua que sibila como vento na palha dos canaviais e entre as cruzes dos cemitérios pernambucanos de João Cabral de Melo Neto e requebra nas ancas da *Nega Fulô*, de Jorge de Lima. E que o embolador Dedé da Mulatinha entortava e enriquecia em seus improvisos, feitos ao ritmo do ganzá, na feira-livre de Campina Grande, na época em que este beneficiário da generosa hospitalidade de vocês se iniciava no jornalismo, na literatura e no amor.

Hoje, nossa democracia representativa verga sob o peso da esperteza, que quando é demais, como gostava de afirmar Tancredo Neves, engole o esperto – e é só isso que ora está ocorrendo no Brasil, ilustres e pacientes ouvintes. Infelizmente entre nós são muito poucas, raríssimas mesmo, as entidades que dispõem de autoridade, competência e sensibilidade para comandar esta cruzada contra a vulgaridade do lenocínio político, a transformar o Estado brasi-

leiro num prostíbulo público e esta última flor do Lácio, muito bela e nada inculta, do poeta Olavo Bilac em biombo de solecismos desqualificantes e valha-couto da falsidade e da mistificação rasteiras. Cabe a esta Casa sediar a resistência dos homens e mulheres de valor já nela abrigados e obter a adesão das brasileiras e brasileiros de boa vontade que ainda não sucumbiram ao populismo brega e ao deslumbramento pela cloaca chique do capitalismo selvagem das butiques pretensamente elegantes. Cabe-lhes organizar a luta para tentar pôr fim a este exílio que amargamos em território nosso — esta pátria de Fernando Pessoa, Lobo Antunes, Mia Couto, da virgem Iracema, de José de Alencar, e na qual Riobaldo amou Diadorim.

Vamos salvar a língua portuguesa antes que esta vulgarização criminosa arraste para o oblívio o opróbrio dos que dela escarnecem e, juntamente com estes, esmigalhe também as jóias de rara beleza, nela lapidadas — orgulho de nossos patrícios e patrimônio de nossos descendentes.

## ~ Saudação de Marcos Vinícios Vilaça

*“Para os que não sabem o que custa a doçura do açúcar  
a quem o lavra, o conheçam.”*

Esta observação, de Antonil, datada do comecinho do século XVIII, José Ermírio de Moraes com ela ainda se defrontou no século XX.

É o contraponto à euforia de Gândavo, no século XVI, ou ao entusiasmo de Brandônio que, no *Diálogo das Grandezas do Brasil*, reporta-se aos infinitos engenhos de fazer açúcares no Pernambuco do século XVII.

Tem sido senóide a visão daquela agroindústria em nossa terra, terra minha e de José Ermírio de Moraes, nós próprios nascidos na mesma Nazaré da Mata, cidade envolvida por canaviais.



No entanto, uma coisa é certa. Em cada pé de cana há um pé de gente. Por isso, sempre se encontrará um toque de dramaticidade, na expansão e no declínio do setor econômico-social da cana-de-açúcar.

Curiosamente, uma atividade íntima ao açúcar, que é produzido muito próximo do litoral, se constituiu no fator expansionista da colonização na linha interiorana: a pecuária. O boi puxando o homem mais do que o homem puxando o boi.

O gado foi o dinamizador do povoamento, da ocupação de espaços menos férteis. O gado estimulou a expansão territorial, criou uma sociedade agropecuária, contraponto da açucareira.

E aí estão dois Nordeste, um é o Nordeste do doce, do massapê, de chuva grossa, dos barões, do sobrado gordo, do maracatu, da prataria, dos santos barrocos; outro, é o dos homens encoletados em couro, de rios secos, de chuva magra, de árvores-graveto exemplos da xerofilia hostil, do xaxado, dos coronéis de boiadas de boi e de boiadas de voto, um mundo onde não há luxo, que o luxo não é sertanejo.

Um é o Nordeste de *Fogo Morto*, o outro, é o de *Vidas Secas*.

Um é o Nordeste de José Ermírio de Moraes, o outro é o Nordeste de José Nêumanne.

Então, não há o que esconder. Esta é uma festa nordestina. E não seria eu quem o negaria.

As raízes do patrono do prêmio lembram Ascenso Ferreira falando que os engenhos da terra só pelos nomes fazem sonhar: Esperança, Flor do Bosque, Estrela D'Alva, Bom Mirar. As do premiado têm em comum a toponímia nordestina de Currais Novos, Bezerras, Lagoa Seca, Areia, Sertãozinho, Carne de Vaca, Seridó, Algodões, Cariri, Serra Talhada, Ingazeira, Umbuzeiro.

O Prêmio que hoje se outorga a José Nêumanne está na sua I I.ª edição. Por ele passaram, entre outros, Roberto Campos, Wilson Martins, Evaldo Cabral de Melo, Cícero e Laura Sandroni, Manif Zacharias.

O patronato foi além do Prêmio e ajudou a Academia, como lembra muito bem esse excepcional acadêmico que é Alberto Venancio Filho, na aquisição

da biblioteca de Marcos Carneiro de Mendonça e na aventura ainda não de todo encerrada do Solar da Baronesa.

Escritor José Nêumanne:

A nordestinidade é, de nossa parte, um ato de convicção e constância, uma forma de vitalidade histórica. Com esse sentimento exalto a sua Paraíba, “pequenina e heróica”, de todos os tempos, de todas as realidades. Louvados sejam o botânico Manoel de Arruda Câmara e o poeta “Caixa d’Água”, o Ponto de Cem Réis e a festa das Neves, o Treze de Campina e o bar do Onaldo, Vidal de Negreiros e o “Velho Capitão”, as bagaceiras dos engenhos – tema para um dos maiores clássicos da língua portuguesa escrito por um saudoso confrade – e Dom Vital, Zelins e Ariano, Celso Furtado e Piragibe, a Borborema e o Cabo Branco, Linduarte Noronha e Augusto dos Anjos, Bodopitá e as inscrições rupestres dos Cariris Velhos, Elba Ramalho e Vladimir Carvalho, o teatro Santa Rosa – onde Gilberto Freyre proferiu a primeira conferência de sua vida – e Castro Pinto, Solon Lucena e Inácio da Catingueira.

E mais, e mais.

Também seja louvado o gesto de Pedro Monteiro de Macedo a determinar, em 1744, que seu epitáfio fosse fixado no batente principal da porta da igreja de Santo Antonio, com estes dizeres: “Aqui jaz Pedro Monteiro de Macedo, que por ter governado mal esta Capitania quer que todos o pisem e todos rezem um Padre Nosso e uma Ave Maria, pelo amor de Deus”.

Louvo-o, escritor José Nêumanne, por não ter faltado com o seu esforço para que nada disso se apergaminhasse na memória dos homens.

Nunca lhe tocou aquele medo que o poeta seu conterrâneo, Sergio de Castro Pinto, descrevia como capaz de se instalar nas palavras, enregelando-as, obrigando a pô-las como em um frigorífico.

Senhoras, Senhores:

Quando José Ermírio de Moraes, filho de viúva, deixou as comodidades de menino de engenho, a tradição do bacharelado em Direito, largou-se para os Estados Unidos estudar engenharia, traçou a sua história de valoroso *tycoon* da indústria brasileira.

Não desatendeu aos deveres da cidadania. Fez-se político, Senador e Ministro de Estado. Declarou-se compromissado com o desenvolvimento social e não só com o crescimento econômico.

Deu à família essas responsabilidades e refiro, ainda que sejam desnecessários, três exemplos da boa sangüinidade do Velho Senador: a Beneficência Portuguesa, a AACD e este Prêmio.

A democracia somente prospera no pluralismo. Nada lhe é tão essencial quanto a ampla repartição do poder; do poder político, também do poder econômico, do poder social.

Não se diga dela que é uma ideologia. Muito menos elaborada construção teórica de um iluminado. As sociedades ideocráticas favorecem o autoritarismo.

Democracia é poder compartilhado, que não é sinônimo de equalitarismo mas que não subsiste nas grandes iniquidades.

Montesquieu dizia: “A democracia deve evitar dois excessos: o espírito de desigualdade, que conduz ao governo de um só; e o espírito de igualdade extrema, que conduz ao despotismo de um só.”

Impor a igualdade equivale a privar a liberdade. Garantir a liberdade equivale a reconhecer a desigualdade.

A sabedoria política do lema da Revolução Francesa está em buscar diluir a contradição latente entre liberdade e igualdade pelo sentimento da fraternidade. Em conjugá-las pela solidariedade.

Cuido em azeitar uma permanente reflexão sobre isto no que me cabe como exercício do meu cargo público, pois o controle social do Estado, próprio das democracias, é complexo e multiforme mecanismo de auto-regulação das ações políticas.

A informação, principal matéria-prima da Corte em que trabalho, tem que ser ponderada, pesada, processada para ser julgada com precisão.

Por isso, nunca deixo de lado os versos de T.S. Eliot:

*O ciclo sem fim da idéia e da ação,  
Interminável invenção, interminável experimento,*

*Conhece o movimento, não o repouso;  
O conhecimento das palavras, não o do silêncio:  
Conhecimento do verbo mas ignorância do mundo  
[...]  
Onde está a vida perdida no viver?  
Onde está a sabedoria perdida no conhecimento?  
Onde está o conhecimento que se perdeu na informação?*

Quando vejo, José Nêumanne, seus cuidados com a análise e a pregação democráticas, tudo isto me vem à mente e eu desejei declarar aqui.

Senhoras, Senhores:

Nesta edição do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, foi difícil escolher um ganhador. De um lado, havia o culto à Democracia como face ostensiva do conjunto de obras de José Nêumanne. Do outro, o espetáculo de preservação da História, em livro admirável de Arno Wehling, *Direito e Justiça no Brasil Colonial*.

Do meu canto, eu creio, pois não tenho delegação de ninguém para dizer isso, posto que não há nada mais difícil aqui do que falar pelo colegiado, acredito que não fomos pelo caminho rigoroso do mérito, pois daria empate entre a Democracia e a Memória. Fizemos uma opção de circunstância, diante de tantos merecimentos de parte a parte.

Registremos aspectos relevantes em José Nêumanne. Enfileiro alguns:

- o senso de visão ampla, na antologia dos melhores poetas brasileiros do século;
- a astúcia de unir Bob Dylan, os Beatles e Caetano Veloso, como embrulhara num mesmo saco, Barcelona e Borborema, Gaudi e o forró.

Wilson Martins diz de *O Silêncio do Delator*, seu livro que consagramos, ter inovado o romance contemporâneo tanto na temática quanto nas técnicas narrativas.

E eu acrescento: com o extremo bom gosto de se animar num poema excepcional. Por isso, repitamos com Nêumanne: “Vá-se entender os mistérios da criação!”

Antonio Olinto, com a sua alta expressão de crítico literário, louvando o livro, observa que para entender qualquer realidade é preciso atentar para a sua correspondente ficção. A ficção é uma verdade, e dela vem.

José Nêumanne produziu o silêncio sonoro do seu protagonista. Diz, fingindo que está calado. Quase lembra a sentença perfeita de Eduardo Portella: o silêncio é o mais dizer, é o que se diz naquilo que se cala.

Acredito que o jornalismo facilitou-lhe conhecer o homem e isto facilitou-lhe a arte no romance.

Nêumanne transferiu o datado para o transtemporal. Seu livro também é de acento feminista, como confessa, e enquadra-se no tempo trípico de que fala Gilberto Freyre.

Sua intolerância à tirania tem simetria com o que falou Roberto Romano sobre *O Silêncio do Delator*, ao alegar que os tiranos odeiam o riso, pois o riso é subversão intolerável.

Por isso, José Nêumanne, você pode continuar, como é do seu jeito de ser, transgredindo tudo aquilo que lhe parecer “direitinho”. Sempre encontrará um cânone em sua rota, pois sem o cânone só haverá o caos. E do caos você não gostaria.

Espero um ensaio seu e isto é um afetuoso desafio. Escreva de como a música eletrônica, se música é, interfere na cultura contemporânea e na sociabilidade das pessoas, tema que somente agora começa a ser cuidado no Brasil. Em *Música Eletrônica – A Textura da Máquina*, Rodrigo Fonseca propõe uma visão renovada do encontro entre a tradição musical ocidental e os perigos e possibilidades dos novos recursos utilizados na criação musical eletrônica, como observou argutamente o crítico Schneider Carpeggiani.

Na mesma linha, há de se analisar o fenômeno do “coronelismo” eletrônico, dominador da mídia televisiva dos nossos dias, acolitado pelo uso desabrido de supostas convicções religiosas a serviço da política.

Todo esse gosto pela novidade existe para desafiar intelectuais. Exótico ou não, como o do *blog* literário. Uma hora dessas há de se inserir nesta Casa, com a mesma atenção que demos ao folhetim eletrônico, trazendo gente de dentro dele para dentro da Academia. Quando nos aliarmos ao *blog*, o faremos muito bem. É inevitável e um seu tanto inadiável.

O passado nos autoriza a recusar anemias no fazimento do presente e na formatação do futuro. O novo nos interessa. A tradição desta Casa não é feita de ancoragem de horas, mas da libertação da palavra. Sem pressa e sem descanso.

Não somos nem esféricos, nem monolíticos. Temos as assimetrias da existência mas sem falhar na missão histórica. Haveremos de conciliar o apolíneo com o dionísíaco.

A imortalidade que existe aqui é a da palavra. Hoje premiamos a palavra de José Nêumanne e cuidamos em honrar a memória de José Ermírio de Moraes, um homem de palavra.

Esta é a Casa das palavras, e cada um de nós vive a repetir os versos de Drummond:

*Lutar com palavras  
É a luta mais vã  
Entanto lutamos  
Mal rompe a manhã  
São muitas, eu, pouco.*

# Poesia, linguagem e vida

RICARDO VIEIRA LIMA

**H**ora Aberta, agora em quarta edição revista e aumentada, organizada pela pesquisadora e ensaísta Eliane Vasconcellos, reúne a extensa obra poética de Gilberto Mendonça Teles e ajuda a desfazer, de maneira inequívoca, alguns estereótipos que, ao longo dos anos, foram criados em torno deste que é um dos principais escritores brasileiros de hoje, e que, neste ano de 2005, comemora 50 anos de literatura.

A princípio, convém situar o poeta no centro de sua verdadeira linguagem: Mendonça Teles pertence, de fato, à chamada Geração 60, e não à Geração Neomodernista de 45, ao contrário do que pensa boa parte da crítica literária. Gerações não são clubes ou grupos estéticos liderados por corifeus, que, ao sabor dos ventos, incluem e excluem de seus quadros amigos e desafetos. O que configura uma geração é menos o aspecto literário do que o critério biológico. Neste sentido, se as gerações são conjuntos de pessoas nascidas na mesma época, i.e., no mesmo espaço de 20 anos (de acordo com o clássico

Jornalista, crítico literário e poeta. Diretor do Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro e colaborador das revistas *Poesia Sempre*, editada pela Fundação Biblioteca Nacional, e *Metamorfose*, editada pela Cátedra Jorge de Sena/UFRJ. Seu livro inédito, *Ariete*, ganhou o Prêmio Jorge Fernandes de Poesia, da União Brasileira de Escritores – RJ.

conceito de Ortega y Gasset, atualizado por teóricos como Julián Marías e Claudine Attias-Donfut), é inevitável concluir que, tendo nascido em 1931 e estreado na poesia brasileira em 1955 com *Alvorada*, Gilberto só poderia pertencer à referida Geração 60, que, por sinal, foi estudada com rigor e argúcia pelo professor, ensaísta e poeta Pedro Lyra,<sup>1</sup> não obstante o crítico cearense haver considerado Mendonça Teles como um dos representantes do Neomodernismo de 45. Frente a essa posição, contudo, ficamos com as palavras do próprio poeta goiano, o qual, nos poemas “45” e “Geração”, aborda o assunto e informa-nos que os neomodernistas o tratam “como a um *filho natural*” (o grifo é nosso). Logo, se estamos falando de *descendência*, parece certo considerar-se que a geração de Gilberto seria aquela imediatamente posterior à Geração de 45 – fato este ratificado, inclusive, pela presença de algumas características da Geração 60 na poesia do autor, conforme veremos adiante.

Enfim, levando-se em conta os fatores cronológicos de nascimento e estréia, e abstraindo-se as ideologias dos movimentos literários, podemos incluir na afamada Geração Neomodernista nomes tão díspares como João Cabral de Melo Neto, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, Manoel de Barros, José Paulo Paes, Lêdo Ivo e Ferreira Gullar, além, é claro, dos concretistas paulistas. Ao passo que na Geração 60, ao lado de Mendonça Teles, nomes como Mário Faustino, Affonso Romano de Sant’Anna, Ivan Junqueira, Olga Savary, Armando Freitas Filho, Cacaso e Paulo Leminski seriam facilmente identificáveis.

Outro clichê que a presente reunião de obra desmente é o de que o professor, crítico e ensaísta Gilberto Mendonça Teles teria eclipsado ou seria superior ao poeta. Em que pese a notável repercussão obtida, nacional e internacionalmente, pela produção ensaística do autor, responsável por clássicos como *Drummond: a Estilística da Repetição* (1970), *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro* (1972), *Camões e a Poesia Brasileira* (1973) e *A Retórica do Silêncio* (1979), o poeta Gilberto nada lhe fica a dever. Com efeito, GMT sempre conjugou poesia e

---

<sup>1</sup> Cf. *Sincretismo – A Poesia da Geração 60*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 1995.



ensaio com igual brilhantismo. Prova disso é o fato de esta nova e talvez definitiva reunião abarcar 16 livros de poesia, quase todos premiados em nível nacional, sendo um deles rigorosamente inédito (*Arabiscos*). Ressalte-se que a edição conta com capa dura, papel bíblia e mais de 1.000 páginas. A fortuna crítica do poeta, reproduzida em parte no volume (que também apresenta detalhadas cronologia, bibliografia e iconografia do autor) é, sem dúvida, invejável: vai de Tristão de Athayde a Antonio Carlos Secchin, e passa por Otávio de Faria, Mário da Silva Brito, Arnaldo Saraiva, José Guilherme Merquior e Fábio Lucas, entre outros. Importa dizer, ainda, que somente o livro *Poesia & Crítica* (1987), organizado por Dulce Maria Viana, reúne mais de 700 páginas de estudos dos mais variados críticos sobre a poesia de Gilberto.

Prefaciada por Ángel Marcos de Dios, professor de Filologia da Universidade de Salamanca, Espanha, a obra reunida de Gilberto Mendonça Teles ganhou o título de *Hora Aberta*, em virtude da tradição esotérica, a qual, ligada à mitologia primitiva, atribui uma especial função às horas, que expressariam as forças cósmicas, embora relacionadas às ações humanas, em especial nas “horas redondas”: 6 horas da manhã e 6 da tarde; meio-dia e meia-noite. Nessas horas, as pessoas estariam propensas à meditação espiritual e ao trânsito para um outro universo. De fato, alguns poemas telesianos parecem alcançar essa transcendência: é o caso de “Dedicatória” – que homenageia a mãe de Gilberto, guardando um certo parentesco estilístico/temático com “Carta”, de Drummond –, de “Regressão” e de “Exercício escritural”, pertencendo o primeiro ao livro *Álibis* (2000), palavra-palíndromo de “sibila”, ou seja, a profetisa que prenuncia o desconhecido, e os demais a *Arabiscos*.

Todavia, o ponto culminante desse tipo de poema encontra-se em “A casa de vidro”. Referindo-se mais uma vez à mãe do autor, é peça que consegue transfigurar a dor da perda em pura poesia: “No sonho e na poesia / vai-se elaborando a essência / do que não se perde nem se altera / na língua comum dos homens. / [...] / E pode assim surgir na transparência / de uma casa de vidro, onde a figura / real de minha mãe, iluminada, / me sorria e acenava [...]. / Aí o seu espírito sereno / foi-se igualando à pura densidade / da luz, quando o seu

nome, rarefeito, / de repente ecoou no mais extremo, / no sem-fim da fala absoluta.” Como uma espécie de alquimista literário, o poeta transforma todas as sensações em linguagem. Afinal, no primeiro e belíssimo verso de “Poiética”, Gilberto resume: “Tudo em mim é desejo de linguagem.” E a promessa se cumpre, por exemplo, em outro extremo. Em oposição à morte, Mendonça Teles celebra, dionisiacamente, a vida, trespassada pelo erotismo e novamente pela linguagem: “Vou enrolando os fios de teus cabelos / como quem fia o amor nalguma roca. / Entre meus dentes há vogais e pêlos/ e esta insatisfação que te convoca. / E cada vez vou-me deixando inteiro, / corpo e alma, no centro desta soma: / toda a sofreguidão de um brasileiro / na sensualidade do idioma.” (“Soma”).

Para que o leitor possa ter uma idéia da trajetória ascendente da poesia de Mendonça Teles, recomendamos a leitura de *Hora Aberta* de trás para frente, uma vez que os livros mais novos abrem o volume, o qual se encerra com os poemas mais antigos do autor, à exceção dos *vers de circonstance*, que arrematam a obra. Desse modo, verifica-se que a lírica telesiana divide-se em três fases ou, para sermos mais exatos, em três *falas* – partindo-se do conceito da “falavra”, criado pelo próprio poeta, em que a fala é lavrada pela escrita: “Na frase escrita a marca da falada / e na falada o estilo da escritura” (“Linguagem”).

Assim, num primeiro momento, temos a *fala clássica*, que compreende seis livros, de *Alvorada* (1955) a *Sonetos do Azul sem Tempo* (1964). É o momento de um Gilberto ainda sufocado pelo peso da tradição, marcado em excesso pelos poetas do Romantismo, do Parnasianismo e do Simbolismo brasileiros. Sem embargo a falta de uma voz própria, já se vê no poeta incipiente alguns traços do escritor maduro: uma boa dose de lirismo amoroso (v. “História antiga”, “Amor” e “Maria”, por exemplo), mesclada a um interesse crescente pela metapoesia (v. “Vigília”, de *Planície*, e “Poética”, de *Fábula de Fogo*).

No momento seguinte, eclode a *fala metalingüística* e, com ela, aflora a obsessão do autor pela reflexão sobre o fazer poético. Essa fase duraria uma década e geraria três grandes obras: *Sintaxe Invisível* (1967), *A Raiz da Fala* (1972) e *Arte de Armar* (1977). Há um consenso crítico de que esse momento seria o ápice da

poesia telesiana e, em verdade, percebe-se que, a partir desse período, Mendonça Teles desenvolve a imprescindível linguagem pessoal, sem a qual jamais se tornaria o poeta que é. A produção dessa época é responsável, também, pelo honroso epíteto que lhe foi atribuído, o de “poeta da linguagem”. Como se sabe, nenhum poeta, antes ou depois dele – seja Bilac, Drummond, Cabral ou Gullar – logrou elaborar tamanha quantidade de poemas que privilegiassem a metalinguagem, em todas as suas variações, deixando-nos alguns textos irretocáveis, a exemplo de “O sinal”, “Antes do nome”, “Sintagmas”, “O jogo”, “Arte de armar”, “Origem”, “Processo”, e sobretudo “O nome e sua tinta”.

Contudo, na contracorrente da crítica em geral, julgamos que o melhor da poesia de GMT concentra-se em sua fase mais recente, a qual denominamos *fala aberta*. Uma fala, pois, “aberta a todos os sentidos, inclusive ao maior de todos que é o não-sentido da morte”, segundo as palavras do próprio poeta. Nesse último período, estão compreendidos nada menos do que sete livros de poesia. De *Saciologia Goiana* (1982) a *Arabiscos* (2003), o que se vê é um poeta experiente, senhor de seus meios e de sua expressão, e livre da influência neoparasiana de 45, bem como da metapoesia cabralina, que por pouco não lhe prejudicou a produção poética da fase anterior.

Um aspecto importante que também merece destaque, com relação a essa última fase, é o da temática do humor, até então muito pouco presente na poesia telesiana. Ao incorporar de vez esse veio poético, Gilberto desfez os últimos laços que o ligavam aos, em regra, sisudos neomodernistas, sendo que essa libertação ocorreu por intermédio da prática de poemas como o já citado “Geração”, além de vários outros, como “Prefácio/Programa”, “Código de honra”, “*Curriculum*”, “Chá das cinco”, “Anúncio”, mas principalmente “Balancê universitário”, onde o poeta dissecou o meio acadêmico – do qual provém –, ri de si mesmo e de seus pares. Desse longo poema, dividido em 15 seções, avulta a primeira parte, sem dúvida a melhor paródia já feita a partir do poema “Quadrilha”, de Drummond: “O Ensino amava a Pesquisa que amava o Saber / que amava a Administração que amava o Poder / que amava a Burocracia que não amava ninguém. / O Ensino foi para o mestrado nos Estados Unidos. / A

Pesquisa para as 40 horas. / O Saber morreu de desgaste. / A Administração amancebou-se com o Poder / e a Burocracia drogou o Chefe do Departamento / que estava louquinho para entrar nesta história.” O *humour* telesiano bebe, sem preconceito, nas fontes modernistas de algumas das melhores águas naturais: Drummond, Bandeira e Murilo Mendes são suas maiores referências. Essa releitura do humor modernista, ainda que de uma forma mais intelectua-lizada, é uma das marcas da poesia da Geração 60, que repudiou a atitude dos poetas de 45, no tocante à fase inicial do Modernismo. Nesse embate, ao lado de seus companheiros de geração, Gilberto reconheceu a forte herança recebida e procurou aprimorá-la, sem contestar o legado da grande poesia brasileira do século XX.

Sob outro aspecto, ao visitar o passado, aproveitou também para efetuar o resgate da poesia regionalista, e o fez em grande estilo em *Saciologia goiana*. Homenageou sua terra natal em diversos poemas e, na mesma época, concluiu seu melhor texto nessa temática, “Poema do reencontro e seus parágrafos”, incluído posteriormente em *Arabiscos*. De *Saciologia* são, ainda, “Etnologia”, uma bela incursão na poesia social em defesa das comunidades indígenas, e “Estímulo”, resposta definitiva aos críticos que o acusaram de não ser um poeta engajado. Nesse poema lapidar, Mendonça Teles assume o que realmente é – um poeta lírico incorrigível: “Você precisa deixar de escrever poemas de amor. / Isso não existe mais: está superado. / O tempo hoje é de poemas engajados. / Escreva sobre o povo e sua fome. / Guardei o conselho do festivo escritor goiano / e fui-me engajar nos braços da namorada impaciente. / Depois, fomos jantar no restaurante do mercado. / Era a minha primeira lição de metafísica.” Sabendo, portanto, que o lirismo amoroso sempre foi cultivado por todos os povos de todas as épocas, Gilberto cumpre sua profissão de fé em outro delicioso poema, ironicamente intitulado “Modernismo”: “No fundo, eu sou mesmo é um romântico inveterado. / [...] / Sou um sujeito sem jeito que tem medo de avião, / um individualista confesso que adora luares, / [...] / mas que vai se esconder no fundo dos restaurantes. / [...] / Vejam meus tiques e etiquetas, / [...] / meu gosto pelo

passado / e pelos presentes, / minhas cismas / e raptos. / Vejam também  
minha linguagem / cheia de mins, de meus e de comos. / Vejam, e me digam  
se eu não sou mesmo / um sujeito romântico que contraiu o mal do século /  
e ainda morre de amor pela idade média / das mulheres.”

Quanto à metapoesia do autor, acreditamos que a mesma tenha atingido  
seu apogeu nessa última fase, em termos de originalidade, frescor e individua-  
lismo, os quais podem ser encontrados em textos como “Os pós-modernos”,  
“*Et tout le reste*” (de *Arabiscos*), “Teoria”, “Exercício para mão esquerda”, “Críti-  
ca”, “A pedra / A perda”, “Arcádia”, “Intertexto” e “Centão simbolista” (de  
*Ê cone de sombras*, lançado em 1995), entre outros, a par dos eruditos poemas vi-  
suais de *Improvisuais*, livro, até a presente edição, parcialmente inédito, e que en-  
feixa algumas das experiências poéticas mais sérias que temos visto, recente-  
mente, no campo da linguagem – ainda que pague tributo ao Concretismo,  
alvo do escritor em vários poemas de *Hora Aberta*.

De resto, sobre a poesia reunida de Gilberto Mendonça Teles ainda há mui-  
to a dizer e, por isso, jamais teríamos a pretensão de querer esgotar o assunto.  
Muito pelo contrário: pretendemos, isto sim, despertar no leitor o interesse  
em conhecer melhor a produção de um poeta que, no decorrer de uma vitorio-  
sa carreira iniciada há meio século, construiu sua arte na perfeita confluência  
entre poesia, linguagem e vida, realizando, assim, uma das grandes obras literá-  
rias do nosso tempo.



*Dante Milano, por Portinari*

# Poetas associados

FÁBIO LUCAS

A Academia Brasileira de Letras, nos últimos tempos, tem publicado textos inestimáveis do corpus literário brasileiro. Uma verdadeira revolução editorial que corre paralela à recomposição de outro importante acervo: a Coleção Afrânio Peixoto, que edita a Biobibliografia dos patronos, sob a competente contribuição de Israel Souza Lima.

Da última leva, vale a pena louvar o trabalho de organização e estabelecimento do texto de Sérgio Martagão Gesteira para a *Obra Reunida de Dante Milano* (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004), que se apresenta com estudo de Ivan Junqueira, atual Presidente da Academia, intitulado “Dante Milano e o pensamento emocionado”. Além disso, o apresentador comparece com a informação biobibliográfica e o poema “Terzinas para Dante Milano”. Um regalo incomparável.

Dante Milano não é autor desconhecido do público brasileiro. Desfruta de grande prestígio. Teve, em vida, os elogios de Manuel

Doutor em Economia Política e História das Doutrinas Econômicas, especializou-se em Teoria da Literatura. Autor de obras de Crítica Literária e Ciências Sociais, entre os quais *Razão e Emoção Literária, Vanguarda, História e Ideologia da Literatura, Do Barroco ao Moderno, Luzes e Trevas – Minas Gerais no Século XVIII, Murilo Mendes, Poeta e Prosador.*

Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Publicava-se nos suplementos literários que abundavam no Rio. Mas era poeta de t $\hat{e}$ mpera reservada e retraída. Reuniu algumas coleções de poemas, além de ter sido tradutor afortunado, cronista e, eventualmente, ensaísta arguto.

Dante Milano nasceu literariamente durante os anos agitados do Modernismo. Respirou o ar da época sem, todavia, manifestar os ardores de converso. Oscilava entre a herança clássica e o barulho das vanguardas, mantendo, contudo, o ritmo e a forma mais adequados ao seu estilo pessoal.

Desse atributo é que fala Ivan Junqueira, com a elegância e a profundidade de um ensaísta qualificado. O título do trabalho, “Dante Milano e o pensamento emocionado”, registra o aspecto mais saliente do poeta e, ao mesmo tempo, denuncia a argúcia do analista.

O ensaio é, antes de tudo, uma divagação inteligente ao redor de um tema. Apoiado nas melhores vozes de interpretação do autor, como Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Franklin de Oliveira e Paulo Mendes Campos, Ivan Junqueira pontua as oscilações do poeta entre lirismo e antilirismo, pensamento e encantação, verve e controle crítico da produção poética. Assim o “pensamento emocionado” diz muito do ponto de vista do analista.

A essa primeira análise Ivan Junqueira agrega o exame dos campos semânticos da obra de Dante Milano, apoiando-se nas estruturas morfo-sintáticas dos poemas, nas qualidades metafísicas destes (o lirismo visionário) e na sua contextualização no âmbito da literatura brasileira, hesitante que se demonstrou entre o Classicismo e o Modernismo.

Deste modo Ivan Junqueira atinge o aspecto contedúístico da obra mediante a investigação das formas que o corporificam. Daí eleger, como tripé temático, a morte, o amor e o sonho. E, após mencionar o antilirismo sinistro apontado por Paulo Mendes Campos, em síntese de raro efeito elucidativo, condensa: “Dante Milano é, sem dúvida, um poeta hipnotizado pela visão escatológica da realidade, e não são poucas as vezes em que nos remete àquela ‘visão interior de olhos abertos’. Lírico ou anti-lírico, o poeta nos revela de fato um acentuado fascínio pelos aspectos sinistros da vida.” (Ob. cit., p. XLVIII).



No seu “close reading”, Ivan Junqueira não se detém no esforço de arrolar os termos convergentes da poética de Dante Milano, enumerando os vocábulos que lhe são mais freqüentes. Parece-nos um repertório mais ou menos comum a certo decadentismo já instalado no Brasil nas vozes de Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos. Traços de rebeldia espiritual, diante de um quadro acentuado de contradições, entre nacionalismo e internacionalismo, materialismo e idealismo.

Mas a perfeita intelecção do significado da obra de Dante Milano não se detém no ensaio. Ivan Junqueira é dotado de outro discurso, paralelo e complementar à forma culta do ensaio: o da criação reflexiva. Dante Milano é, então, vislumbrado sob outro foco nas “Terzinas para Dante Milano”. Isso significa que o poeta e a sua obra são deslocados para a contemplação mágica, na qual se misturam o discurso encomiástico com a interpretação jubilosa. O poema provém da obra *A Sagração dos Ossos* (1994) de Ivan Junqueira.

O leitor se beneficia de uma orquestração melódica, da qual se destacam duas vozes, duas enunciações elevadas no tom e na significação: as reminiscências da pompa verbal de Dante Alighieri e do lirismo agridoce de Dante Milano. Ambas conduzidas pela dicção particular de Ivan Junqueira, como se o lume do poeta celebrado (Dante Milano) conduzisse o neófito na selva escura (Ivan Junqueira).

Há, nas “Terzinas para Dante Milano”, momentos sublimes de iluminação lírica, como nestes tercetos:

“Vejo-te a mão nodosa, de ar terreno,  
compor à sombra a música de um hino  
que jamais escreveste: esquivo aceno

de quem saúda, em gesto florentino,  
tudo o que o ser consigo traz de eterno  
– a morte, o amor, o sonho, o árduo destino.”

Logo adiante, em doze versos, Ivan Junqueira logra sintetizar o sentido da obra de Dante Milano, apontando nesta o ponto extremo da originalidade, enquanto se exerce a “busca do ser”, a “lucidez” e o arriscado pulo no abismo, em busca do inédito, do jamais visitado:

“E vejo, vejo ainda, quanto ardiam  
nos olhos teus aquelas flamas nuas  
que nem os velhos deuses saberiam

como apagar, ou se eram mesmo tuas,  
tal qual alguém, que de si próprio ausente,  
súbito a alma repartisse em duas.

E mais do que isso, vejo agora à frente  
o abismo a que desceste desde a origem:  
essa busca do ser, essa fremente

paixão da lucidez, verde vertigem  
de se arriscar sem guia à selva escura  
no encaicho do que ali fosse mais virgem.” (Ob. cit., p. LII)

Por último, seja-nos permitido transcrever mais nove decassílabos que, por cima da arte poética, é a afirmação da glória literária, desafio ousado do ser humano à devastação do tempo e do olvido, aspiração do mortal à absoluta imortalidade:

“A tumba é amiúde ambígua, de tal sorte  
que nela estás e não estás sepulto.  
(Quem poderia, aliás, tendo o teu porte

ali permanecer, umbroso e oculto?)  
Já não és relva nem raiz nem terra,  
mas tão-somente a luz de um vago vulto

que se move, sutil, no ermo da serra  
em busca da mais funda solidão  
e de tudo o que a morte não enterra.” (Ob. cit., p. LIV)

Em resumo, a edição da *Obra Reunida de Dante Milano* prova, mais uma vez, a unidade indissolúvel do bom poeta ao bom prosador, o aspecto prismático dos grandes autores, capazes de produzir achados em campos variados da expressão literária e, por fim, a intercomunicação das sensibilidades artísticas. No caso, o fio simbólico que associa Dante Alighieri a Dante Milano e a Ivan Junqueira.